UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO,TURISMO E ARTES
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CINEMA E AUDIOVISUAL

LORRANY DOS SANTOS TRINDADE

A JORNADA DA HEROÍNA E A CONSTRUÇÃO DA REPRESENTAÇÃO DO FEMININO EM SERENA PERFEIÇÃO: *UMA ANÁLISE SOB A PERSPECTIVA DA DIREÇÃO*

JOÃO PESSOA
2024

LORRANY DOS SANTOS TRINDADE

A JORNADA DA HEROÍNA E A CONSTRUÇÃO DA REPRESENTAÇÃO DO FEMININO EM SERENA PERFEIÇÃO: *UMA ANÁLISE SOB A PERSPECTIVA DA DIREÇÃO*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Comunicação da Universidade Federal da Paraíba, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Cinema e Audiovisual

Orientadora: Profª.Drª.Flávia Affonso Mayer

JOÃO PESSOA

2024

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

T833j Trindade, Lorrany dos Santos.
A jornada da heroína e a construção da representação feminino em Serena Perfeição: uma análise sob a perspectiva da direção / Lorrany dos Santos Trindade. - João Pessoa, 2024.
62 f. : il.

Orientação: Flávia Affonso Mayer.
TCC (Graduação) - UFPB/CCTA.

1. Cinema - TCC. 2. Cinema de mulheres. 3. Direção cinematográfica. 4. Cinema - Feminismo. I. Mayer, Flávia Affonso. II. Título.

UFPB/CCTA CDU 791(043.2)

Elaborado por Susiquine R. Silva - CRB-15/653

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE CINEMA E AUDIOVISUAL

ATA DE APROVAÇÃO DE TCC

Ao dia 01 do mês de novembro do ano de 2024, foi realizada na sala de reuniões do CCTA apresentação pública do Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em Cinema e Audiovisual da aluna Lorrany Dos Santos Trindade, com o *titulo A Jornada Da Heroína E A Construção Da Representação Do Feminino Em Serena Perfeição: Uma Análise Sob A Perspectiva Da Direção.* A Banca Examinadora, constituída pela professora orientadora Flávia Affonso Mayer, e pelos professores Renata Gonçalves Gomes e Ricardo César Campos Maia Júnior

(X) aprovou o TCC
( ) reprovou o TCC
tendo atribuído a seguinte média: 100.

A aluna Lorrany Dos Santos Trindade foi aprovada, recebendo a nota 100.

gov.br Documento assinado digitalmente
FLAVIA AFFONSO MAYER
Data: 05/11/2024 18:24:20-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Flávia Affonso Mayer

gov.br Documento assinado digitalmente
RENATA GONCALVES GOMES
Data: 05/11/2024 17:22:56-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Renata Gonçalves Gomes

gov.br Documento assinado digitalmente
RICARDO CESAR CAMPOS MAIA JUNIOR
Data: 06/11/2024 07:06:55-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Ricardo César Campos Maia Júnior

Para minha mãe e meu pai - pelo esforço e carinho de vocês foi possível estar vivendo meus sonhos,obrigada por sonharem comigo e me amarem incondicionalmente.

Para Alisha - minha gatinha, que é o amor da minha vida e que me acompanha durante minha caminhada e que escuta meus problemas quando não tenho com que desabafar.

Para minhas amigas que são minha irmandade fora de casa e que caminham pela vida junto comigo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por permitir que os meus sonhos fossem realizados e me guiado até esse momento.

Ao meu pai Samuel e minha mãe Ivanilda, que estiveram ao meu lado em cada momento, me apoiando em todas as minhas decisões, oferecendo carinho e motivação nos momentos mais difíceis. Sem vocês,nada disso teria sido possível,muito obrigada por sempre confiarem no meu potencial e em mim, amo vocês.

À Alisha, Hina, Nyra e Pingo, meus amores e meu suporte emocional nas dificuldades da vida.

À Lyandra, Ellen, Síria e Kamilly, minhas amigas de adolescência que mesmo não entendendo ou não estando no mesmo espaço da vida que eu, sempre estiveram comigo, muito obrigada por compartilhar a vida de vocês e de me ouvir quando precisei falar.

Aos amigos que fiz nesse curso, especialmente, a Mariana, Bárbara, Mikaeli e Klinton que compartilharam comigo essa jornada acadêmica, dividindo angústias, alegrias e muitas horas de estudo. A parceria e amizade de vocês foram essenciais nessa fase final, obrigada pelo apoio e espero continuar a jornada da vida junto com vocês.

A minha orientadora e professora, Flávia, por toda paciência,orientação e dedicação ao longo deste processo, por me inspirar nos meios acadêmicos e me guiar mesmo diante de imprevistos, você me ajudou a descobrir e perseverar nesses meios.

Um agradecimento especial também a toda a equipe que fez parte do filme Serena Perfeição, por toda colaboração e aprendizado durante o processo. Principalmente, Mariana Abreu e Thaís de Araújo, mulheres incríveis que mesmo nos momentos desafiadores, a experiência foi enriquecedora e contribuiu para a construção deste trabalho e minha construção profissional como diretora.

Agradeço aos professores que fizeram da minha formação possível e me ajudaram quando precisei.

Por fim, agradeço a todas as mulheres que me inspiram na indústria, cuja trajetória me fortalece. A presença de cada uma é prova de que, mesmo diante de dificuldades, é possível deixar nossa marca.

A todos e todas, meu mais sincero agradecimento.

“For most of history,
Anonymous was a woman.”

(Virginia Woolf)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo relatar a experiência de direção do filme Serena Perfeição sob a ótica de uma mulher diretora e discutir os desafios enfrentados nesse processo. A metodologia utilizada é baseada em uma análise narrativa e reflexiva da direção de Serena Perfeição, dialogando com conceitos da jornada heroína propostos,por Maureen Murdock, e Visual Pleasure de Laura Mulvey - ou ainda,como esses conceitos se aplicam na construção estética e narrativa do filme. A pesquisa se justifica pela necessidade de discutir as dificuldades enfrentadas por mulheres no cinema, especialmente em posições de liderança e construção de narrativas de mulheres. Entre os temas abordados,destacam-se as dinâmicas de direção e a concepção visual do filme por um viés artístico focado no feminino. Como conclusão deste trabalho, reforça-se as frentes teórico-práticas quanto à importância da participação feminina na criação cinematográfica, e no seu impacto na concepção narrativa fora do olhar masculino hegemônico.

Palavras-chave: cinema de mulheres; direção cinematográfica; feminismo; jornada da heroína.

ABSTRACT

The aim of this paper is to report on the experience of directing the film Serena Perfection from the perspective of a woman director and to discuss the challenges faced in this process. The methodology used is based on a narrative and reflective analysis of the direction ofSerena Perfection, dialoguing with concepts of the heroine's journey proposed by Maureen Murdock and Visual Pleasure by Laura Mulvey. - Or how these concepts apply to theaestheticandnarrativeconstructionofthefilm.Theresearchisjustifiedbytheneedtodiscuss the difficulties faced by women in cinema, especially in leadership positions and the construction of women's narratives. Among the topics covered are the dynamics of directing and the visual conception of the film from an artistic perspective focused on women. The conclusion of this work reinforces the theoretical and practical fronts regarding the importance of female participation in cinematographic creation, and its impact on narrative conception outside the hegemonic male gaze.

Keywords: women's cinema; film directing; feminism; heroine's journey.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Cena 3. 38
Figura 2 – Cena 10. 39
Figura 3 – Cena Final 39
Figura 4 – Cena Final 2. 40
Figura 5 – Paleta de Cores 41
Figura 6 – Maquiagem de Junior 42
Figura 7 – Ivana Mundo Real 47
Figura 8 – Chefe Mundo Real 47
Figura 9 – Figurino Cena Final 48
Figura 10 – Figurino de Junior 48
Figura 11–Figurino de Amaris 49
Figura 12 – Quarto de Amaris 49
Figura 13 – Decoração Quarto de Ivana 50
Figura 14 – Prato do Jantar 50
Figura 15 – Torta 50
Figura 16 – Café da Manhã 51
Figura 17 – Cesto de Frutas 51
Figura 18 – Cena 1. 53
Figura 19 – Ivana Sequência Final 55

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 11
2 METODOLOGIA 13
PARA CONSTRUÇÃO DO CURTA METRAGEM 13
PARA A REPRESENTAÇÃO FEMININA NO FILME E SEU POSTERIOR RELATO 14
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....15
CINEMA E GÊNERO..... 15
CONSTRUÇÃODANARRATIVAPELOOLHARFEMININO.....17
O SER DIRETORA..... 18
O SER DIRETORA NO BRASIL..... 20
4 A JORNADA DA HEROÍNA..... 21
SEPARAÇÃODOFEMININO.....22
IDENTIFICAÇÃO COM O MASCULINO.....23
ESTRADA DE PROVAÇÕES.....24
O SUCESSO ILUSÓRIO.....26
DESPERTAR PARA ARIDEZ ESPIRITUAL.....28
INICIAÇÃO E DESCIDA PARA A DEUSA.....29
DESEJO DE RECONEXÃO COM O FEMININO.....30
CURA DE MÃE/FILHA.....31
CURA DO MASCULINO MACHUCADO.....32
INTEGRAÇÃO DO MASCULINO E DO FEMININO..... 33
5 A JORNADA DE SERENA PERFEIÇÃO.....35
5.1. SINOPSE.....35
PERSONAGENS..... 36
A CONCEPÇÃO DO ROTEIRO.....37
PRÉ-PRODUÇÃO..... 41
Direção de Atores..... 42
Decupagem.....44
PRODUÇÃO - DIREÇÃO.....45
SUGESTÃO DE MONTAGEM E TRILHA SONORA.....52
APLICABILIDADE DA TEORIA DA JORNADA DA HEROÍNA EM SERENA PERFEIÇÃO..... 52
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 57
REFERÊNCIAS..... 59

1 INTRODUÇÃO

Quando confrontada com a escolha do tema que seria a finalização do meu ciclo como estudante de cinema, para mim parecia muito turvo, relembrei dos meus inclínios e indignações durante meu aprendizado e experiência como espectadora, como estudante, diretora e roteirista. Diante disso, senti a necessidade de trazer meu olhar artístico como diretora e roteirista na concepção do meu filme que trata de uma história vivenciada principalmente por mulheres. Na perspectiva do cinema industrial, há pouco espaço para mulheres contarem suas narrativas através dos seus filmes, e o cinema como sujeito e objeto de grande influência social é uma ferramenta essencial para a visibilidade de narrativas que fogem do "convencional" - ainda muito machista.

Na escrita desse trabalho e na experiência de dirigir um filme com uma narrativa que muitas mulheres podem potencialmente se identificar, passei pela minha própria jornada pessoal e me deparei com outras mulheres em fases diferentes das jornadas delas, o que foi engrandecedor para o projeto e para esta monografia.

Por isso, o presente trabalho consiste no relato e análise da construção cinematográfica de Serena Perfeição, curta-metragem de suspense roteirizado e dirigido por mim. O filme conta a história de Ivana, uma mulher com estabilidade financeira, um marido, um bom emprego, mas que é desvalorizada em todas essas áreas da vida dela. Ela não consegue se desamarrar dessas facetas de sua vida e tudo isso se volta contra ela. Abordado pela perspectiva da direção, a presente pesquisa toma como recorte o processo de pré-produção e produção do filme. Para tanto, debruça-se na aplicabilidade da teoria da Jornada da Heroína de Murdock (1990) no enredo e concepção visual dessa história.

A imagem construída em tela tem grande impacto no social, mesmo que indiretamente, personagens femininas em filmes do grande circuito normalmente são plano de fundo da história, sem muita profundidade e motivações complexas. Quando Murdock questionou Campbell sobre a participação da mulher na Jornada do Herói, a resposta dele foi motivo de indignação por parte dela, pois o mesmo disse:

> Em toda tradição mitológica a mulher está lá. Tudo que ela tem que perceber é que ela é o lugar que as pessoas estão tentando chegar. Quando uma mulher percebe o quão maravilhoso o personagem é, ela não vai querer se bagunçar com a noção de ser um pseudo-homem[1]. (Murdock, 1990, p. 12, tradução nossa)

[1] "In the whole mythological tradition the woman is there. All she has to do is to realize that she's the place that people are trying togetto.Whenawomanrealizeswhatherwonderfulcharacteris,she's not going to get messed up with the notion of being pseudo-male."(Murdock, 1990, p. 12)

Como boa parte das histórias atuais tem como base a jornada do herói, conseguimos ver um padrão do porquê as mulheres não possuem um espaço de importância na narrativa *mainstream*, pois a mesma, pela própria narrativa é vista como prêmio e não como agente ativo da história. Por isso, a importância de ter mais mulheres em lugar de destaque nas produções, para trazer visibilidade às experiências de mulheres reais, com escolhas,desejos e motivações e não somente como ponto de chegada da história de outro.

Ainda que o processo de direção seja individual, ele segue certos padrões de forma. Por isso, para construir a direção Serena Perfeição e apresentar com vigor o que a história se propõe e minha visão sobre ela, a pesquisa revela como cuidadosamente e metodologicamente a escolha dos códigos da arte, som, plano e atuação foram empreendidos para realizar a obra. A partir disso, tenho como objetivo debater sobre a construção de narrativas fílmicas construídas por um olhar feminino com base no filme Serena Perfeição.

Assim, nesta primeira parte da pesquisa irei abordar as temáticas feministas e seu impacto no cinema. Depois, irei adentrar no processo de direção no cinema e suas particularidades na construção artística do filme. Na sequência, me debruço sobre a teoria da Jornada da Heroína, que servirá de fundamento teórico para os capítulos seguintes: o meu relato como diretora do filme e minha experiência nessa função. Ao final, trarei discussões que mesclam o narrativo e visual do filme com a teoria de Murdock, completando esta monografia com uma análise fílmica dos símbolos e metáforas inseridas na narrativa.

2 METODOLOGIA

Como destacado na introdução do trabalho, esta monografia tem como objetivo principal debater sobre a construção de narrativas fílmicas por um olhar feminino a partir do estudo de caso do curta-metragem Serena Perfeição. A metodologia adota uma abordagem qualitativa, com foco na análise interpretativa das teorias utilizadas e entender a importância dessas teorias na criação dos significados imagéticos e narrativos do filme em questão.

A pesquisa será bibliográfica, com base em autoras como Maureen Murdock, Laura Mulvey e Cássia Kamita, que abordam temáticas feministas, que procuram entender a importância da atuação feminina no cinema em sua concepção, no olhar, na narrativa e nas relações entre cinema e gênero. Tal perspectiva corrobora para fundamentar minhas visões e experiências como diretora e roteirista.

A coleta de dados foi realizada por meio de análise bibliográfica dessas teorias e têm como base principal a teoria da psicóloga Maureen Murdock, A Jornada da Heroína (1990) para abordar a narrativa do filme. Além disso, utilizei como fontes secundárias para ancorar essa pesquisa no cinema comoasteorias*VisualPleasureandTheNarrativeCinema*deLaura Mulvey (1975) e A Mulher e o Cinema de Ann Kaplan (1983), além de outros artigos que corroboram para o aprofundamento dessa temática levantada.

Após me debruçar sobre a importância das temáticas feministas e meu lugar enquanto mulher, diretora e criadora do filme, faço um relato sobre a pré-produção e produção do filme, explicando detalhadamente as minhas escolhas e os impactos dela na construção dos significados na narrativa fílmica. A teoria da Jornada da Heroína, de Murdock, é o fundamento para o entendimento dessa análise fílmica e construção psicológica do curta-metragem.

Para a Construção do Curta-Metragem

Para a parte prática desta monografia, a pré-produção e produção do curta-metragem Serena Perfeição, utilizei métodos clássicos no âmbito cinematográfico, como a redação do roteiro, decupagens, documentos de arte e fotografia, preparação de elenco e experiências do *set*. Todas essas partes se deram em um período de seis meses, entre abril e agosto de 2024. Nesse período,construí um diário de experiência para fundamentar minhas escolhas e experiências durante o processo. Pois como diz Santos:

> Por mais celosa e criteriosa que seja uma produção fílmica, sempre existe o risco de eventos inesperados acontecem, seja com algum ator, com algum membro da equipe,

> com as locações, com os cenários, com o equipamento, com tomadas preestabelecidas e que não funcionam ao serem colocadas em prática.(Santos,2015, p.221)

Por isso, é importante como criadores registrarmos nossos processos de construção para futuros cineastas e para nós mesmos entendermos esses processos e evoluirmos com eles.

Paraarepresentaçãofemininanofilmeeseuposteriorrelato

No que diz sobre o relato do filme, Aumont e Marie (2013) destacam que é necessário "Considerar o filme como obra artística autônoma, suscetível de engendrar um texto(análise textual) que fundamenta os seus significados em estruturas narrativas (análise narratológica) e em dados visuais e sonoros (análise icônica) produzindo um efeito particular no espectador." (Aumont e Marie, 2013 *apud* Cunha 2020).

Com base nisso, como diretora e escritora do curta, tenho uma visão mais complexa sobre a obra em si. Mesmo que possa ser um relato analítico fílmico enviesado diante do meu envolvimento com a obra, acredito ser importante nós como autoras e autores refletirmos sobre nossas obras, pois o processo de reflexão cria espaço para maturação do autor e de suas obras conseguintes.

Pensando nisso, ancoro meu relato na teoria da Jornada da Heroína para pontuar momentos da narrativa em que essa perspectiva é adotada. Além disso, discuto como a arte, fotografia e elenco também compõem a construção desses significados narrativos.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Cinema e Gênero

Com a evolução da sociedade e a forma como ela se comporta, as mulheres também tiveram seus "papéis" readequados. Porém, alguns costumes e visões não se alteraram: no trabalho, em casa, na sociedade, as mulheres ainda são questionadas e demandadas de forma completamente desigual em relação aos homens. Vale ressaltar que o que entendemos por ser mulher na sociedade é uma construção, como Simone de Beauvoir (1949, p. 267) afirma "Ninguém nasce mulher: torna-se mulher". A construção social do que é "ser mulher" é formada por conceitos moldados e reformulados durante milênios, mas alguns pontos violentos se perpetuam.

Como exemplifica França e Schiminski (2009, p.74) as mulheres são responsáveis pela maioria das horas trabalhadas em todo mundo, cuidam das crianças, dos idosos, dos doentes e de seu trabalho em âmbito público. Sendo assim, a carga emocional e psicológica imposta pela sociedade a elas é enorme. No cinema não é diferente. Desde a sua criação em 1895 com o cinematógrafo dos irmãos Lumiére, até a sua estabilização como indústria entretenimento por Hollywood a partir da década de 30, o cinema vem moldando e sendo moldado por vários fatores sociais. como destaca Moraes (2022):

> A sindicalização das profissões dentro do setor cinematográfico jogou as mulheres para escanteio e mesmo que ainda tivesse enorme influência, principalmente em montagem e roteiro, os livros nos contam a história do cinema raramente nos falavam sobre elas. (Moraes, 2022, p.30)

As mulheres vêm enfrentando muitos percalços para se inserir em papéis de destaque como criadoras e intérpretes. Neste contexto, um dos pressupostos da teoria feminista no cinema é que a mulher em tela normalmente é vista como objeto e não sujeito da história, uma personagem esteriotipada em termos de papel e imagem (Saxon, 2023). Como forma de fomentar as discussões neste âmbito, "a perspectiva feminista visa questionar os valores atribuidos a figura feminina além de reagir ao poder centralizador masculino." (Kamita, 2017, p. 1394).

Ao refletir sobre o papel da mulher no cinema, Mulvey (1975) o separa entre a mulher como espectadora e a mulher como centro da narrativa na história no cinema de massa, o cinema em questão como arte dominante e de dominação do patriarcado.

> "O homem controla a fantasia cinematográfica e surge também como representante do poder num outro sentido: como portador do olhar do espectador, transferindo-o

> para trás do ecrã para neutralizar as tendências extra-diegéticas representadas pelas mulheres como espetáculo."[2] (Mulvey, 1975, p. 810, tradução nossa)

Nesse cinema que tem a mulher como "centro" da narrativa, ela é passiva ou está em posição desvalorizada, que necessita que alguém a salve ou à puna, sem muitas nuances e profundidade. Sendo boa parte desses papéis superficiais e sem muito impacto na narrativa, a mulher como espectadora tende a procurar uma semelhança entre o que ela vê, e o que ela experiencia na vida dela (Malluf; Mello e Pedro, 2005). Essa falta de profundidade em personagens femininas impacta negativamente na nossa percepção enquanto mulher em sociedade e na nossa atuação dentro dela, como proposto pela própria Mulvey "O cinema constrói a forma como ela deve ser olhada no próprio espetáculo."[3] (Mulvey, 1975, p.815, tradução nossa)

Se nós enquanto mulheres não tivermos contato com a imagem e a gama de possibilidades do que é ser mulher, em uma arte de grande alcance e influência como o cinema, nossa identidade, desejos e vivências se limitam ao que nos é mostrado pelo patriarcado dominante.

Um dos motivos dessa lacuna é a falta de espaço dado ou apagamento de filmes com perspectivas mais feministas e femininas para as mulheres contarem suas histórias, mulheres por trás das câmeras para criar vivências mais profundas, principalmente na posição criativa mais importante do processo cinematográfico - a direção - "O diretor (a) é a força motora de um filme (...) como um ser humano, um diretor tem ideias e como um artista tem alguma imaginação"[4] (Hossain; Nibir e Rashid, 2023, p.16, tradução nossa).

Se um filme reflete quem somos em sociedade, nossas ideias, nossas preocupações sociais e culturais daquele momento, uma mulher representada com camadas e nuances diferentes - e principalmente criadas e representadas por outras mulheres - se distancia da construção do discurso dominante patriarcal atuando como uma força de resistência.

---

[2] The man controls the film fantasy and alsoemergesastherepresentativeofpowerinafurthersense:as the bearer of the lookofthespectator,transferringitbehindthescreentoneutralizetheextra-diegetictendencies represented by women as spectacle. (Mulvey, 1975, p. 810)

[3] "Cinemabuildsthewaysheistobelookedatintothespectacleitself"(Mulvey,1975,p.815)

[4] "The director's driving force of afilm.AgaintheItalianfilmmakerAntonionisaid'asahumanbeing,a director has ideas, as an artist also has some imagination.' (Hossain; Nibir e Rashid, 2023, p.16)

Construção da Narrativa pelo Olhar Feminino

Como mulher e diretora e roteirista, um incômodo persistente em mim durante minha trajetória acadêmica, era a representação das vivências das mulheres em filmes que não ressonavam com o que eu via nas histórias de mulheres ao meu redor, e na minha própria experiência.

Como dialoga Kamita (2017) “Quando uma mulher se posiciona atrás das câmeras, muitas vezes sua intenção é justamente essa, imprimir uma nova ótica da representação de homens e mulheres que não se restrinja aos parâmetros ainda muito próximos a uma sociedade tradicional.” (Kamita, 2017, p. 1395).

No cinema como consequência do patriarcado[5] costuma apresentar as mulheres como objetos e sujeitos da dominação desse olhar, por isso desde os anos 1960 o movimento feminista dentro do cinema tenta trazer para si - para as mulheres - uma forma diferente denos colocar em cinema e de contar essa narrativa, um “árquétipo” fora do usual e comum:

> Ao dirigir um filme e imprimir na tela uma nova visão, diferente da comumente veiculada, as cineastas revelam de certa maneira a insatisfação com a forma como a sociedade está estabelecida. E podem ser incompreendidas pelos espectadores que não compartilham seu modo de pensar. (Kamita, 2017, p. 1402)

Corroborando com essa fala de Kamita (2017), no cinema *mainstream* mesmo que as mulheres façam algo disruptivo e que não vá de acordo com as expectativas e visões do cinemadominante,“Contrariaressasexpectativaséarriscarofracassodebilheteria, atendê-las é reproduzir os mesmos esquemas e estereótipos queasconstroem,eassimociclo se fecha e se reproduz, a cada filme, geração após geração.” (Martins, 2015, p. 14) sendo assim, mesmo que nos dias atuais temos exemplos que “furam a bolha” também temos o cinema independente como forma de ampliar e construir discursos. Pois como propõe Kamita (2017):

> Oque se propõe é um novo olhar em direção ao discurso cinematográfico, no sentido de garantir uma valorização do papel da mulher no cinema e queosfilmes, aoinvésdeperpetuararepresentaçãodaimagemfemininaestereotipada,contribuam para as (re) construções sociais de gênero. (Kamita, 2017, p.1402)

A construção de um “cinema de mulheres” também foi algo colocado por Lauretis (1984) que propõe que ao invés de nos distanciarmos da linguagem *mainstream* , moldarmos a narrativa criada para o “prazerfeminino” era a melhor escolha de resistência e disrupção.

[5] O patriarcado é um sistema social baseado em uma cultura, estruturas e relações que favorecem os homens, em especial o homem branco, cisgênero e heteressexual. (Folter, 2021)

Isso significa pensar narrativas que coloquem as mulheres como sujeito da ação, foco da história e que conte essa história com sinceridade ao que se propõe. Pois como apresentam Alves e Coelho (2015), o que caracteriza o cinema feminista seria o fato dele ser direcionado ao público feminino, independente do seu gênero. Não bastaria portanto que ele fosse feito por mulheres, teria que ser construído para mulheres.

Uma das questões propostas pelas autoras era de que se o cinema feminista também deveria adotar o modelo de culto ao héroi. Como o cinema clássico normalmente se baseia narrativamente, o culto ao herói é algo focado nas experiências gerais como pessoa que não leva em consideração situações específicas que dialogam com o ser mulher, apesar de ter grande poder de identificação com a massa, para efeitos de representação e identificação há teorias mais adequadas.

O Ser Diretora

Ao longo dessa monografia apresentei como o sistema de cinema e gênero funcionam e como eles andam lado a lado com as práticas sociais. No presente tópico, quero destacar a necessidade de mais diretoras estarem nos "holofotes", e da complexidade da função que, no caso desta pesquisa, possui muitas nuances pessoais minhas como mulher e cineasta em um mercado independente, se for comparado às práticas *mainstream*.

A posição da direção é algo desafiador. Ser diretora não é uma função apenas criativa, mas analítica e sistêmica, pois como afirma Santos (2015, p. 215) "(...) dada a sua natureza intersemiótica, depende de uma sintonia que leva a todos para um mesmo alvo de modo que aquilo que é almejado como conceito, ideia, estética, tema e argumento do filme, seja externado em cada parte, formando um todo, uma unidade complexa." Esse trabalho envolve sinergia com diversos campos e etapas do fazer cinematográfico, como diz Kurosawa (2015):

> O trabalho de um diretor envolve o treino dos atores, a técnica cinematográfica, a gravação sonora, a direção de arte, a música, a edição, a dublagem e a mixagem do som. Embora estas possam ser pensadas como ocupações separadas, eu não as vejo como independentes entre si. Eu as vejo juntas, mesclando-se sob o comando de uma direção. (Kurosawa *apud* Pinto, 2015, p.42)

Trazendo a discussão para um viés pessoal e considerando esse sistema como um meio considerado hegemonicamente ainda muito masculino, dirigir não se torna apenas uma construção de um filme, mas impacta em outros âmbitos do cinema.

Uma pesquisa feita por Alves e Coelho (2015) indica que há maior probabilidade de filmes dirigidos por mulheres, terem protagonistas femininas e membros da equipe com funções-chavetambémmulheres.Alémdeconstruirumanarrativaquepossa ser identificada

por um público feminino, ter uma produção com diretoras mulheres também cria espaço para outras mulheres trabalharem em outras funções de destaque na indústria. É essa experiência que tento trazer para os *sets* em que ocupo essa função, um ambiente seguro e harmonioso para a equipe com que trabalho (especialmente as mulheres) tenham voz e espaço para opinarem e expandirem criativamente.

A experiência em *set* de filmagem é pessoal e depende de trabalho para trabalho, mas há situações que são recorrentes em *sets* diferentes com pessoas diferentes. Em "*Experiencing Male Dominance in Swedish Film Production*" Jansson e Wallenberg (*apud* Trindade e Falcão, 2023, p. 9) relatam suas experiências encabeçando funções importantes em *sets* de filmagem que utilizavam estratégias para contrariar os desafios à sua autoridade, como apagamento de atributos de sua feminilidade como agradabilidade e emotividade. Esse "vestir" uma carcaça para ter opiniões e desejos respeitados mesmo estando em uma posição de controle é algo recorrente entre diretoras, produtoras e profissionais que encabeçam outras funções principais em um *set*.

Minha experiência nessa posição não se diferiu muito dessas outras artistas, um *set* de filmagem possui uma hierarquia que para o funcionamento das partes deve ser respeitada, no topo da pirâmide criativa dessa hierarquia está a figura da direção - porém em muitos momentos passei e ainda estou passando pela minha jornada pessoal durante a produção do filme e deste trabalho, alguns desses momentos me senti incapaz e insuficiente para função, não por falta de confiança no meu trabalho mas algo mais intrínseco e profundo e nesses momentos foi imprescindível confirmar assertividade e minha visão sobre meu trabalho.

Em seu livro sobre "*Directing: Film Techniques and Aesthetics*",o autor Rabiger (2008) além de outros ensinamentos necessários para quem dirige,pontua que "Elenco e equipe talvez teste sua paciência e julgamento. Líderes normalmente têm seu poder desafiado, ainda sim por trás do que parece uma luta de atitude antagônica, pode estar crescendo respeito e afeição."[6](Rabiger,2008, p.416,tradução nossa). Além da minha experiência pessoal nessa função, é importante destacar que a escolha dos profissionais que fazem parte da construção da obra é um passo muito importante. Em um caminho de uma produção, onde muitas escolhas são colocadas no caminho da diretora, perceber quais são as melhores destas escolhas para o momento é um traço importante para a função.

---

[6] Cast and crew may test your patience and judgment. Leaders usually have their powers challenged,yet behind what seems like a sparring and antagonistic attitude may lurk agrowingrespectandaffection.(Rabiger, 2008, p. 416)

Para finalizar gostaria de trazer a discussão para o "ser diretora" nos moldes e limitações ao qual me encontro, independente do orçamento e tamanho de equipe acredito que as experiências vividas em *set* são similares em seu cerne, por isso é de extrema importância que encontremos uma rede de apoio dentro do trabalho com a qual possamos progredir juntas. Mas para além disso, ser diretora em um espaço ainda em construção é bastante desafiador.

O Ser Diretora no Brasil

"A geração dessas novas cineastas é fruto de formação universitária na área, em sua maioria, diferente das gerações anteriores que aprenderam a profissão assistindo filmes e participando de cineclubes." (Grilo, 2020, p.25). Com base nos diálogos de Grilo, sou uma dessas profissionais que estão sendo construídas e colocadas em um momento diferente do cinema nacional, mas é importante destacar como esse cenário funciona para entendermos um pouco de suas limitações.

Onde muitas cineastas brasileiras no começo de suas entradas no cinema em meados dos anos 70 que trariam consigo experiências de fazer o cinema em uma época de pós-ditadura ou de poucos incentivos na questão do audiovisual cultural, onde segundo Grilo (2020, p.25) "As mulheres são mais propensas a trabalhar em documentários e comédias românticas e menos em ficção científica e filmes de terror." Venho de uma formação que os incentivos ao cinema brasileiro ainda que poucos são mais oportunos e criam mais espaços para a propagação de outras vozes e estilos de cinema.

Esses incentivos contribuem ativamente para nossa inserção nessa indústria. Além de se tornar mais possível e viável fazer cinema devido a "política cultural baseada em incentivos fiscais para os investimentos no cinema". De acordo com o mesmo autor, em oito anos (1995-2003), cerca de cem mulheres dirigiram um longa-metragem pela primeira vez. (Marson, 2008, p.8 *apud* Grilo, 2020, p.25). Mesmo que em números pequenos,é crescente a presença de mulheres cineastas no circuito cinematográfico brasileiro e a crescente variedade de tópicos abordados por essas diretoras.

Ser diretora no Brasil e principalmente no nordeste, como é o meu caso, atualmente não é o mesmo que há trinta anos, apesar de enfrentarmos desafios semelhantes, as oportunidades e os espaços criados são maiores, ainda que singelas, contribuindo ativamente para essa coletânea de novos olhares e perspectivas sobre o cinema nacional.

Apesar de termos mais espaço para criação e desenvolvimento na indústria, a distribuição de filmes dirigidos por mulheres ainda padece de representação, o apagamento de

cineastas femininas é algo antigo e que ocorre ainda hoje, como pontua Holanda (2017)apesar das mulheres fazerem menos filmes que os homens, a produção feminina de filmes no Brasil tem aumentado. No entanto,a maioria dos filmes recebe pouca ou nenhuma atenção. (Holanda, 2017 *apud* Gimenez 2020, p. 107). O problema com o apagamento de filmes dirigidos por mulheres em âmbito nacional é recorrente.

4 A JORNADA DA HEROÍNA

A jornada da heroína é uma teoria idealizada pela Maureen Murdock(1990), psicóloga estadunidense que, após atender diversas pacientes em seu consultório, notou um padrão no cerne dos problemas que as afligiam. A autora percebeu que mesmo que essas mulheres atinjam o sucesso profissional, pessoal ou acadêmico, elas não se sentiam satisfeitas e completas. Isso acontece, segundo a autora, principalmente porque essas mulheres seguem um modelo de vida idealizado pelo e para o masculino, onde para ter sucesso na sociedade movida por costumes patriarcais, elas "precisam" ter sucesso acadêmico, no trabalho, na vida pessoal, atingir prestígio e estabilidade financeira - que são pontos válidos principalmente na sociedade atual, porém tudo "menos" que isso é considerado trabalho com pouco valor socialmente.

Para conseguir essas coisas muitas sacrificam partes importantes do feminino - vale ressaltar que o feminino pontuado por Murdock não é o gênero (apesar de ser focado nas mulheres), mas um arquétipo. Como exemplifica Barros (2009), "Arquétipos seriam conteúdos psíquicos não submetidos a nenhuma espécie de elaboração consciente" - que possuem atributos que são considerados fracos, inferiores e dependentes na cultura dominante. Esses atributos seriam empatia, sabedoria, parcimônia, cuidado, sensibilidade.

É importante pontuar que uma mulher pode ter vivido as fases da jornada e voltar a enfrentar seus monstros novamente. Não é uma jornada com um fim, mas sim uma jornada cíclica e trabalhada durante toda a vida da mulher. Mulheres de diferentes idades podem estar passando por fases parecidas, independente da profissão, do status financeiro ou conjugal.

Assim, Murdock criou o conceito de Jornada da Heroína, que não é um contraponto da Jornada do Herói[7]- criado por Joseph Campbell (1981) - Porém, a jornada da heroína é aquela ao qual mulheres de todas as idades e em todas as fases da vida podem passar, que se difere da

[7] A Jornada do Herói é uma base narrativa sistematizada por Campbell, que se divide em três fases principais: Partida (Separação), Iniciação e Retorno ao lar, onde o protagonista se encontra em uma série de obstáculos que o fazem sair da sua vida cotidiana e entrar em uma aventura, seja ela psicológica ou fantástica e ao final ele volta vencedor para o seu ponto de partida e mudado de alguma forma, normalmente para melhor.

jornada do herói por não ser a conquista do outro sobre o outro, uma conquista externa, mas a conquista de si mesma: é uma conquista interna e pessoal de cada heroína.

De acordo com Murdock, esse é um caminho que pode proporcionar satisfação psicológica para as mulheres e tentar recuperar o significado da natureza feminina, valorizando o que é ser mulher em seus múltiplos significados. Murdock separa a jornada em dez passos.

Separação do Feminino

A separação do feminino ocorre quando a heroína rejeita em si, as primeiras características de uma figura feminina que teve na sua vida - em geral, sua mãe. Murdock (1990) divide essas experiências em "Mãe Boa" e "Mãe Má". A "mãe boa" é a figura materna que protege, cuida e apoia sem limites.A"mãe má" é a figura controladora, que sufoca e/ou o contrário, que não se importa com a vida dos próprios filhos. Simone de Beauvoir também corrobora em seus estudos para essa visão das mulheres em relação às mães, ela mostrou como os sentimentos ambivalentes em relação a mãe resultam numa divisão da mãe como objeto "bom" e objeto "mau". A autora também demonstra como, por causa da sua função reprodutora, a mãe está vinculada a forças naturais e sobrenaturais não-humanas. (Beauvoir, *apud*, Kaplan, 1983, p. 242)

Ambas representações trazem consequências para o psique da filha. Se a filha teve uma "Mãe Boa", pode-se pensar porque se separaria de uma mãe boa. Segundo Murdock, até a Mãe Boa é capaz de prender sua filha. Essa separação é dolorosa e muitas vezes causa ansiedade sobre ficar sozinha no mundo e medo de perda.

A separação da mãe é um processo intenso para uma filha, ela "precisa" se diferenciar da figura materna. Murdock discorre que essa separação é tão complexa que em muitos mitos e histórias, a mãe está ausente, morta ou é malvada. Em suas vivências, o destino final é quase o mesmo: a heroína acaba por rejeitar a sua mãe ou a imagem dela, com medo de se tornar algo parecido com ela. Esse ressentimento é a primeira chama para o início da jornada.

Esse sentimento de distanciação se dá principalmente por dois motivos:

> Ao nível inconsciente, tínhamos raiva da mãe por dois motivos: primeiro por que ela não nos dava a independência de que precisávamos e o recurso para descobrir nossas identidades; segundo porque ela falhou em nos proteger adequadamente contra uma cultura patriarcal estranha que nos magoara psicologicamente e (às vezes) fisicamente. (Kaplan, 1983, p.243)

Quando a heroína rejeita sua mãe, inconscientemente ela também rejeita a si e seu corpo, e a rejeição é uma via de mão dupla onde filha rejeita mãe e mãe rejeita filha. Quando a filha está entrando na puberdade, ela experiência o que chama de dicotomia de *madonna*/*whore*, onde na necessidade de não querer desapontar seus pais, a heroína se torna temerosa do seu próprio corpo, negando sua sexualidade ou casando com o primeira pessoa que ela se apaixona. Isso desencadeia questões mais complexas no futuro, que se iniciam nessa fase.

Murdock também pontua que se uma mulher se sente enganada (aqui digo em vários sentidos) por sua mãe, ela talvez primeiro rejeite o feminino e procure reconhecimento de seu pai, onde na cultura patriarcal, homens são considerados figuras de força e suporte. E a heroína tenta da forma que consegue viver por esses valores mesmo que os mesmos acabem com ela.

Identificação com o Masculino

Nessa fase da jornada, Murdock traz que como consequência da rejeição das filhas para com a mãe (ou vice versa), as filhas vão ao pai na intenção de serem reconhecidas. Murdock aschamade“Filhas do Pai”. Muitas mulheres consideradas bem sucedidas procuram primeiro aprovação de uma figura masculina na sua carreira. Se uma mulher acha certo ser ambiciosa, conquistar bens e ter poder, normalmente são fatores derivados de seus pais.

“Filhas dos Pais” organizam suas vidas em volta de princípios masculinos, seja se mantendo conectada com um homem externo, normalmente uma figura mentora, ou se movendo de acordo com os “modos masculinos”. A relação da jovem com seu pai a ajuda ver o mundo pelos olhos dele e ela vista por ele na busca por aceitação e aprovação.

Assim como a mãe é o primeiro contato feminino que a heroína tem, o pai é o primeiro contato aos modos do mundo, que é majoritariamente em uma lógica masculina. A aceitação por parte do pai gera um bom desenvolvimento do ego e autoestima da heroína, mulheres que se sentem aceitas pelos seus pais, tem a confiança que será aceita no mundo e possui seu masculino interior que gosta dela assim como ela é.

Como essa aceitação pode ser benéfica, inconscientemente também pode gerar depreciação da sua própria mãe, a fazendo sentir e dar pouca importância a valores emocionais, gerando falta de empatia, compaixão e vulnerabilidade. Durante essa segunda fase, a mulher deseja se identificar com o masculino para ser salva pelo masculino.Apesar de tudo isso, é um passo importante para a heroína e seu desenvolvimento pessoal. Nesse

processo, ela procura por mentores que podem mostrá-la o caminho, que podem ser seu pai, namorado, professor, chefe, pastor, Deus ou até mesmo uma mulher que se identifica com os modos masculinos. Muitas heroínas procuram poder e autoridade se tornando como homem ou apreciada pelos homens, de primeira não há nada negativo em buscar validação masculina, porém buscar em favor do detrimento do feminino é perigoso.

Em casos onde a heroína não possui uma figura masculina positiva, a atenção inadequada do masculino resulta no que uma autora chamada Linda Leonard (1982, *apud* Murdock,1990) chama de "Amazona Blindada" onde a heroína reage com veemência contra tudo relacionado ao masculino, essas mulheres tendem a ter uma visão alienada da sua criatividade, suas relações interpessoais com homens e a vitalidade do momento, onde o seu masculino interno não é um"homem de bom coração" mas um "tirano ganancioso" que nunca a deixa em paz.

Por conta do medo inato da inferioridade feminina, muitas jovens se tornam viciadas em perfeição, trabalham em excesso e se esforçam mais do que o necessário porque elas são diferentes dos homens, vivemos em uma cultura que não se importa com o processo mas com o resultado final, e resultados vindos de mulheres são ainda mais depreciados. Muitas mulheres conseguem alcançar esse patamar de validação mas se mantêm com a sensação de que nunca é o suficiente.

É importante ressaltar que as qualidades para o sucesso não necessariamente são moldadas pelo masculino, mas que no sistema patriarcal. O sistema, que valoriza o homem em cima da depreciação da mulher, afeta ativamente a forma como percebemos o feminino. Mulheres não se sentem vistas e creditadas nesse mundo, por isso muitas tentam adentrá-lo de forma mais bruta.

Estrada de Provações

Na estrada das provações, a heroína irá adentrar seus primeiros desafios externos. Essa fase pode se iniciar de várias formas: da saída dos países, inicio de graduação, um novo emprego, algo que a tire da zona de conforto e que a faça lutar contra os "ogros e dragões" do mundo.

Nessa fase, Murdock enfatiza que é o momento da heroína trazer responsabilidade para si. Ela não pode mais culpar seus pais, irmãos, amigos ou amantes pelos resultados de sua vida. A tarefa principal da heroína aqui é achar sua verdadeira voz e escolher o seu destino. A estrada irá levá-la para um meio de obstáculos, que levará a diplomas, aprovações e prestígio.

Porém, o que ela deve ficar atenta é o que Murdock (1990) chama de "réptil social", que diz que ela consegue tudo o que quer, mas sabota seu caminho poucas oportunidades, baixos salários, falta de auxílios na maternidade e promoções lentas. Não somente os ogros externos a afetarão, mas os internos também, como a dúvida de suas capacidades, indecisão e medo de ser uma fraude.

Nessa fase também a heroína terá que se desvencilhar do mito da dependência que ela pensa que ainda possui. A dependência é algo normal no desenvolvimento do ser humano. Em geral, são experienciadas e vistas de forma diferente para meninas e meninos. Mulheres inconscientemente são treinadas e esperadas que cuidem dos outros, das crianças, dos irmãos, dos pais. No fim, essa tarefa sempre cai no colo das mulheres da família. Nesse período, ela acaba esquecendo e deixando de lado suas próprias vontades, porém quando para para analisar o que ela precisa e sente, a heroína provavelmente irá pensar que tem algo errado com ela. Essas necessidades são coisas triviais como tempo pra ela mesma, alguém para ouvir seus problemas, um abraço, a oportunidade de ir atrás dos seus sonhos e vontades. Murdock pontua que algumas mulheres podem agir de maneira dependente só para aumentar o ego do seu parceiro. Mas o contrário também pode acontecer: a heroína se torna a provedora para o parceiro para fazê-lo se sentir melhor, e se esquece de suas próprias necessidades. É necessário que ela confronte essa dependência e as atitudes sobre dependência feminina que ela tenha internalizado em si. Para isso, ela tem que reconhecer que as necessidades dela também são válidas, saudáveis e importantes, e caso suas necessidades não estejam sendo atendidas, a mesma tem o direito de se retirar seja do trabalho, de um relacionamento ou escola.

> "Os papéis flexíveis na família e na empresa e as políticas legislativas que os refletem acabaram por mudar a forma como a dependência é vista e vivida pelas mulheres. A nossa heroína deixará de ter de se sacrificar pelo crescimento e desenvolvimento dos outros, a autonomia, a realização e a nutrição serão qualidades aceites pelas mulheres."[8] (Murdock, 1990, p.38, tradução nossa)

Atrelado a essa falsa dependência também está o mito da inferioridade feminina, onde, por causa da sociedade, a heroína desacredita em seus talentos e capacidades. Ela se vê como uma pessoa não suficiente, seja em qualquer área da vida. corroborando com essa visão, ela também vê homens que não são tão inteligentes, criativos e ambiciosos quanto ela, conquistando coisas que ela não consegue, a fazendo se sentir confusa em si mesma mas

[8] Flexible roles in the family and business and legislative policies that reflect these will ultimately change the way dependency is viewed and experienced by women. Our heroine will no longer have to give herself away for the growth and development of others, autonomy, achievement and nurturance will be accepted qualities for women. (Murdock, 1990, p.38)

confirmando suas observações sobre a sociedade e como ela não se encaixa no sistema. Para destruir esses mitos, a heroína precisa carregar consigo o que a autora chama de "espada da verdade": esta seria a verdadeira voz, fortalecendo suas qualidades e entrando em comunhão com aquelas que entendem pelo que ela está passando.

> "Quanto mais vemos arte de mulheres, ouvirmos poesia e peças de teatro de mulheres, assistirmos a trabalhos de dança coreografados por mulheres e experimentarmos ambientes de trabalho concebidos por mulheres, mais valorizaremos as vozes das mulheres"[9] (Murdock, 1990, p. 40, tradução nossa)

Quando a heroína vence o mito, ela se torna um modelo para outras heroínas vencerem também. Ela deve reconhecer o seu valor e contribuição para sociedade, com qualidades que são consideradas femininas também, não somente guiada por aquilo que é bem visto socialmente, qualidades como empatia, uma orientação forte e confiante, e um desejo altruísta de cuidar e ajudar.

O sucesso Ilusório

Durante a estrada das provações a mulher transcende os limites do condicionamento que sofreu, é um período conturbado para ela: uma aventura carregada de medos e apreensões, para sair das expectativas colocadas nela pelos seus pais. ela deve fugir desse condicionamento e deixar suas dependências para trás. Uma mulher bem-sucedida, que é assertiva e inteligente, gosta das recompensas do seu trabalho, mas ainda sim ela tem que lidar com o fato de que o mundo externo é hostil às suas escolhas independente de quais sejam.

Aqui a autora apresenta o culto a mulher maravilha, nos anos 1980. Era uma fase de crescimentos para uma multitude de militâncias e o feminismo estava em uma grande crescente. Murdock discorre sobre como o controle das mães que não puderam ter essas oportunidades era exercido dentro de casa. O controle que elas não tinham no mundo externo era predominante dentro de casa onde a perfeição demandada dos filhos e a insistência da mesma sempre estar certa é a visão dela de machismo. Em seus estudos, a autora percebeu que as mulheres que vem de um sistema familiar semelhante, onde a mãe não se sentia boa o suficiente em si e consequentemente sobre suas filhas, essas mulheres/filhas tendem a cair na armadilha que ela chama de "mulher-maravilha", onde elas tentam ser a mãe perfeita como sua mãe não foi, ter o emprego perfeito em sentidos que homens não tentam ser.

[9]The more we see women's art, hear women's poetry and plays, see dance works choreographed by women, and experience work environments designed by women, the more we will value women's voices. (Murdock, 1990, p. 40)

> Infelizmente, num esforço para não serem nada como as suas mães, muitas jovens mulheres tornaram-se de facto como os homens. Mediam a sua autoestima, a sua auto-definição e o seu valor próprio em função dos padrões de produção masculinos.[10] (Murdock, 1990, p. 40, tradução nossa)

O que muitas mulheres que seguem esse caminho querem é o que seus pais tiveram como garantido em todas suas vidas: alguém que cuide delas, alguém que tenha carinho e cuide quando elas chegam cansadas de seus trabalhos. O que no fundo essa heroína está querendo é uma relação com o feminino, e quando digo feminino é uma irmandade.

Para se manter nessa posição no mundo externo, a heroína aprendeu a performar de uma forma que a sociedade espera dela. No cinema, como pontua Mulvey (1990, p. 809), "A presença de uma mulher é um elemento indispensável de espetáculo no filme narrativo, mas a sua presença visual tende a funcionar contra o desenvolvimento da história, a congelar o fluxo da ação."[11] A vida da heroína real e nas telas é performática nessa fase. Sempre buscando novas conquistas para preencher o vazio dentro de si, essa vontade obsessiva de se manter ocupada e produtiva a protege de sentir esse senso de vazio. Que ela não entende ou não sabe o que é ainda nesse ponto da jornada. A relação dela com seu masculino interior se tornou tirânica e tóxica, sempre querendo e exigindo mais onde ela se sente oprimida, mas não compreende a fonte desses sentimentos.

A fonte desses sentimentos e sensações é porque a heroína não aprendeu a ser, mas a fingir ser para a sociedade, para os seus pais, no seu trabalho. Ela se torna uma figura que uma das pacientes de Murdock chama de "*The Great Pretender*", e isso a controla inconscientemente.

Juntamente com tudo comentado acima, o mito inconsciente de nunca se sentir suficiente é chama acesa e viva em muitas mulheres. Quando o masculino toma conta do inconsciente da heroína, ela sente que não importa o que ela faça ou conquiste, nada é suficiente. Boa parte dos motivos para o despertar desses sentimentos é que muitas de nós temos demandas de tempo e energia que consomem tanto que não enxergamos que possuímos limites que são facilmente alcançáveis.

Esse senso de inabilidade corrobora para uma característica marcante que venho observando nas mulheres ao meu redor: a dificuldade de dizer não. Seja para um trabalho, um

---

[10] Unfortunately, in an effort not to be anything like their mothers, many young women did become like men. They measured their self-esteem, their self-definition, and their self-worth against male standards of production. (Murdock, 1990, p. 40)

[11] The presence of a woman is an indispensable element of spectacle in normal narrative film, yet her visual presence tends to work against the development of story line, to freeze the flow of action

amigo/amiga ou para família. E quando não impomos limites a nós e ao mundo externo,a heroína não consegue construir um senso de si e estabelecer uma identidade.

> Quando uma mulher encontra a coragem de ser limitada e de perceber que é suficiente exatamente da forma como é, ela então descobre um dos verdadeiros tesouros da jornada da heroína. Esta mulher pode libertar-se dos caprichos do ego e tocar em forças mais profundas que são a fonte da sua vida.[12](Mulvey,1990,p.809, tradução nossa).

Despertar para aridez espiritual

Nessa fase da jornada, a heroína já tem passado por situações que a fizeram despertar para a lucidez das suas necessidades internas. A partir daqui, Murdock pontua que ouviu muitas histórias de suas pacientes entre 25 e 58 anos, que tiveram sucesso profissional, mas que sentiam que esse sucesso tinha cobrado um preço de sua saúde emocional e física. Ela fala que o problema de suas pacientes não é um de regredir, mas de criar novas opções, quando a heroína se sente "dessincronizada" consigo mesma, talvez seja o primeiro sinal antes de seu corpo dar um mais concreto como consequência do estresse.

Nesse capítulo, ela fala da experiência de uma de suas pacientes, que diz: "Eu sinto falta de quando nós tínhamos crianças pequenas e nos ajudamos umas às outras, fazia festas de aniversário juntas e escutamos nossas frustrações"[13] (Murdock, 1990, p. 49, tradução nossa). O que a paciente quis dizer é que nesse momento da vida as heroínas percebem que o vazio que elas sentem é falta de uma irmandade feminina. A falta de contato com outras mulheres em um ambiente saudável tem um grande impacto na psique da mulher. Esse sentimento expresso é o desejo pelo feminino, pela comunidade e a sensação de ter um lar.

É nesse momento também que a heroína sente sintomas de *burnout*. Uma mulher que dá sua vida pelos objetivos e realizações de acordo com os padrões do patriarcado, em algum momento percebe que para sobreviver e viver saudável e com uma vida satisfatória ela terá que fazer algumas mudanças. Ela se sente traída tanto por ela quanto pela cultura que a incentivou a seguir esse caminho, ela se revolta contra a perda da sua visão carinhosa do mundo e percebe que terá que seguir em frente só. E decide arrumar isso com as próprias mãos.

---

[12] When a woman can find thecouragetobelimitedandtorealizethatsheisenoughexactlythewayshe is, then she discovers one of the true treasures of the heroine's journey. This woman can detach herself from the whims of the ego and touch into deeper forces that are the source of her life. (Mulvey, 1990, p. 809)

[13] "I long for the days when we all had young children and helped each other with childcare,planned the children's birthday parties together and listened to each other's frustration. (Murdock, 1990, p. 49)

Quando a heroína decide se apoderar de seu destino e dizer não para os sacrifícios para ter uma vida calma e satisfatória para ela, ela passará por uma fase sombria de dúvidas e mais sacrifícios. O medo de desapontar aqueles próximos a ela e até a si mesma segue ela nesse caminho.

Aqui Murdock descreve algo interessante da jornada: a heroína, ao invés de aceitar a tarefa heróica e engatar na aventura como faria o modelo da jornada do herói, ela recusa a tarefa e isso à causa extremo desconforto. Ela percebe que não precisa mais "fazer", mas simplesmente "ser" ouvindo sua própria voz e vontades. Quando comentei que a Jornada da Heroína é para dentro de si e não para o mundo foi pensando exatamente nesse ponto da história. Porém não é porque ela decide não aceitar a tarefa que ela não irá passar por momentos desafiadores.

> Para que o sacrifício seja completo, os velhos hábitos têm de ser eliminados. As mulheres têm de começar a dizer não às posições que não querem ocupar, mesmo que isso signifique perder a aclamação do mundo exterior. E normalmente isso acontece.[14] (Murdock, 1990, p. 55, tradução nossa)

Mulheres têm dificuldade de dizer não porque é bom se sentir escolhida pelo "rei". Quando a heroína faz essa escolha ativa de sair do estado espiritual da filha, dificilmente terá um modelo masculino a apoiando. Pelo contrário, terá aqueles que dificultarão o seu caminho e o restante da jornada.

Quando a heroína diz não para o patriarcado, ela tem tempo para si mesma, de desenvolver uma nova relação com o masculino externo, um masculino criativo que a guia para o que Murdock chama de"A Grande Mãe". E quando ela diz esse *não,* a heroína começa sua descida a deusa, e o poder e paixão pelo feminino dormente no submundo em exílio.

Iniciação e Descida para a deusa

A heroína começa seu processo de introspecção nesse momento, sua jornada ao submundo para dentro de si. Normalmente o estopim para o início da descida é a queda de um papel específico, seja como mãe, filha, amante ou esposa, ou uma experiência de doença. Todos esses são pontos de partida para a descida à deusa.

A jornada para o submundo é composta por confusão, luto, desilusões, raiva e desespero onde não há saídas fáceis e nem respostas simples. Para o mundo externo que observa a

[14] For the sacrifice to be complete, old ways have to be excised. Women have to start saying no to positions they really do not want to fill, even if it means a loss of acclaim from the outer world. And it usually does." (Murdock, 1990, p. 55)

heroína atentamente nessa fase, a vê triste, inacessível e preocupada, onde ela não pode ser confortada e se sente abandonada.

Consequentemente ela entra em um período de isolamento voluntário, onde para achar seu caminho de volta ela não se move para luz, mas sim para as profundezas do seu ser. Muitas mulheres, de acordo com Murdock, descrevem esse momento comosaídado“mundo masculino". Nessa fase, a tarefa principal da heroína é recuperar pedaços de si que foram perdidos na separação com a mãe.

Nesse momento ela experiencia uma perda de identidade, o medo a acompanha durante toda a fase. A descida é uma compulsão que as heroínas tentam evitar, mas em algum momento da vida vem e não é uma jornada glamurosa, mas ainda sim de extrema importância para fortalecê-la e criar um senso de si mesma.

Ao final dessa descida, a heroína encontrará o que a autora chama de “*deusa obscura*”e nesse encontro ela percebe que toda a mudança e sacrifício feitos em detrimento de si para a sociedade patriarcal, querendo fazer o que é certo e evitar a dor, a limitou da sua própria subjetividade.

Quando a heroína volta dessa descida ela já não é mais a mesma mulher doce e de luz, mas vem com o novo feminino, uma versão de si mais sábia e em contato com os seus sentimentos-e o mais importante, consciente dos sacrifícios feitos para chegar a esse ponto da jornada. Ela rompe o padrão ao escolher confrontar a si mesma em seu submundo, entendendo o próprio ciclo da natureza feminina. Ela abraça o que é “obscuro” em si mesma e esse lado instintivo a ajuda entender os significados de morte tanto quanto da luz.

Desejo de Reconexão com o feminino

Nessa parte da jornada, a heroína já fez a descida, encontrou a deusa e retornou diferente do submundo. Agora seu foco e desejo intrínseco é retomar a conexão que foi quebrada com o feminino, seja com a Mãe, a Deusa ou com a menininha dentro dela. Murdock aponta que esse desejo vem de um lugar de desenvolvimento do seu corpo, das suas emoções, do seu espírito e da sabedoria criativa.

A autora propõe que historicamente a conexão com o feminino foi perdida ao longo dos anos em sociedade. Ela diz que quando o uso de metáforas e arquétipos deixaram de ser “coisas que funcionam” e o conhecimento científico passou a ser priorizado em detrimento de outros conhecimentos antigos e milenares, as mulheres deixaram de ter entendimento sobre seus corpos e suas experiências. Onde o conhecimento sobre a sexualidade, sobre o corpo

deixaram de ser algo valorizado e passaram a ser demonizados para servir de controle pelo patriarcado, para proteger a descendência patriarcal, durante séculos os homens tentam controlar a sexualidade das mulheres e sua expressão.

Murdock fala que esse controle afeta as mulheres em todas as fases. Na adolescência, quando ela está começando a ver mudanças, é levada a pensar que seu corpo e sua menstruação são sujos. Na vida adulta, quando adquire alguma doença, o assunto é guardado para si. Na menopausa, ela não é mais considerada fértil, e por isso desinteressante.

O corpo feminino é inteligente, ele dá sinais de como se sente antes mesmo de sabermos racionalmente que algo está errado é ignorar esses sinais é perigoso. Algumas mulheres contam para suas filhas sua primeira experiência sexual de como foi ruim, ou mesmo seu parto, e não percebem que essas experiências não deviam ser traumáticas e dolorosas. Por essa posse sobre o corpo feminino o cinema como instrumento de posse da forma errada também corrobora para a construção dessa visão das mulheres sobre seu corpo "Enquanto os fatores sociais e sexuais exteriores ao cinema afetam as suas estruturas e convenções, o cinema desempenhou reciprocamente o seu papel na sua racionalização, reforço e reciclagem."[15] (Mulvey, 2001, p.5, tradução nossa)

Quando a heroína volta da descida ela pega de volta isso que lhe foi tirado, ela toma a decisão consciente de reviver e experimentar o amor, cuidar de uma criança, sentir carinho de formas que ela não se permitia e não lhe era permitido anteriormente. Para isso, é importante ter uma figura feminina positiva ao seu lado, que Murdock chama de "*feminine preserver*" - um arquétipo de cuidado e afirmação, que junta comunidades e pessoas pelo bem comum. Ao final dessa etapa, a heroína descobre sobre ser ao invés de fazer. As tarefas e adversidades não são de conquistar poder e dominação, mas de equilíbrio e criação.

Cura de mãe/filha

Nessa parte da jornada, o foco principal da heroína é a cura da separação mãe e filha, onde a heroína precisa encontrar equilíbrio na relação com a mãe ou percepção da mãe que existe dentro dela. Segundo Murdock, essa ferida de separação vai além da relação pessoal da heroína com a mãe, mas tem raízes sociais e psicológicas também."Quer a nossa mãe pessoal tenha sido carinhosa ou fria, capacitadora ou manipuladora, presente ou ausente, a nossa

[15] While social and sexual factors outside the cinema affect its structures and convention, the cinema has reciprocally played its part in streamlining, reinforcing and recycling them.(Mulvey, 2001, p.5)

relação interna com ela está integrada na nossa psique como complexo-mãe."[16](Murdock, 1990, p.82, tradução nossa)

Esse complexo-mãe que ela fala causa enormes implicações na auto-identificação, nos sentimentos, nos relacionamentos. a forma que esse complexo se comporta na mente da heroína determina a forma como ela se integra com o arquétipo da mãe em sua mente e as formas positivas do feminino.

Quando a heroína reconhece a necessidade dessa cura e sua mãe ainda está disponível, ela talvez procure se reconciliar de alguma forma, não somente em si mas a cura física do relacionamento entre ambas. A cura dessa quebra é um trabalho que se dá em coletividade, com uma comunidade de apoio.

A heroína que se apega ao ressentimento com a própria mãe não cura em si esse complexo, está presa nessa mulher que a recusa inconscientemente a crescer e amadurecer. A aceitação da mãe como ela é e o entendimento da vivência dela é o passo final dessa fase da jornada.

Cura do masculino machucado

Importante frisar que nessa fase da jornada, o masculino é tratado como uma força arquetípica, e não um gênero. Quando Murdock fala sobre a necessidade da heroína entrar em acordo com o masculino dentro de si nessa fase, ela está falando da necessidade de equilíbrio. Esse arquétipo masculino pode ser frio e inumano, que não leva em consideração nossas limitações e os nossos desejos. Demanda da heroína perfeição e dominação. Cada vez que a heroína ignora seus sentimentos, ela dá espaço para o seu tirano interior tomar conta. E a única maneira de curar esse masculino machucado é trazer luz a consciência para a escuridão. Ela tem que estar preparada para enfrentar o tirano das sombras e deixar ir. "O desafio da heroína não é de conquista, mas de aceitação, aceitação das partes sem nome e não amadas que se tornaram tirânicas porque ela as deixou sem supervisão"[17] (Murdock, 1990, p. 95, tradução nossa).

O retorno a casa acontece quando ela deixa para trás o machismo. Murdock fala que o machismo dentro da heroína é a incapacidade dela de aceitar ajuda, que é algo bem estereótipo do masculino. Aqui ela é confrontada com dilemas de relacionamentos, amizades,

[16] Whether our personal mother was nurturing or cold, empowering or manipulative, present or absent, our internal relationship with her is integrated into our psyche as mother-complex. (Murdock, 1990, p.82)

[17] The challenge for the heroine is not one of conquest but one of acceptance, of accepting her nameless, unloved parts that have become tyrannical because she has left them unchecked. (Murdock, 1990, p. 95)

carreira, doença, envelhecimento e transição de meia-idade, que a levam a duas possíveis situações: A heroína é apresentada a escolha de seguir o caminho do guerreiro, onde ela pode continuar sua trajetória sozinha, afiando sua identidade e aprendendo a aclamar isso para o mundo, ou ela pode internalizar essas qualidades da jornada do herói e juntá-las com a sabedoria de sua natureza feminina. Ao fim, a heroína precisa de uma relação positiva como masculino interno, com o "Homem com Coração".

O *casamento sagrado* - que é como a autora nomeia essa união - é a junção de todos os opostos dentro da heroína. É quando ela passa a entender as dinâmicas do feminino e do masculino em si e aceitar ambos. Quando a heroína experiencia esse "casamento sagrado", ela traz consigo a sabedoria que adquiriu durante a jornada para compartilhar com o mundo.

Integração do masculino e do feminino

O passo final da Jornada da Heroína é a integração do masculino e feminino, a união dos opostos e o encontro do equilíbrio entre eles. Murdock teoriza que por conta das raízes dessa separação estarem fincadas em vários aspectos da sociedade moderna, como na política, na religião, nos lares, é ainda mais difícil para a heroína achar uma forma de integração. De acordo com o mundo externo, o masculino sempre está acima do feminino em poder, inteligência, é o dominador, o tirânico. A dificuldade da heroína encontrar dentro de si uma forma de ambos trabalharem juntos é um trabalho complexo.

É um processo circular que não tem começo nem fim específicos, mas possui harmonia, conforto e é transformador.

> Acredito que as mulheres estão a afetar profundamente a massa crítica. À medida que cada um de nós cura a sua própria natureza feminina e masculina, mudamos a consciência no planeta de um vício de sofrimento, conflito e dominação para uma consciência que reconhece a necessidade de afiliação, cura, equilíbrio e inter-ser.[18] (Murdock, 1990, p. 107, tradução nossa)

Importante pontuar que a jornada não é considerada algo que se aplica a todas as mulheres, mas que muitas mulheres podem experienciar. Que leva em consideração vivências pessoais sem considerar outras lutas, como as de classe, raça e orientação sexual, mas que com certeza possuem grande impacto na vida do indivíduo. Trazendo essa discussão para o cinema, Holanda (2017) argumenta que a referência ao cinema feito por mulheres deve considerar "um amplo espectro de possibilidades de expressões, que considera as diferenças

[18] I believe that women are deeply affecting the critical mass. As each one of us heals our own feminine and masculine nature we change the consciousness on the planet from one addiction to suffering, conflict, and domination to a consciousness that recognizes the need for affiliation, healing, balance, and inter-being. (Murdock, 1990, p. 107)

entre as mulheres, mas entende que estão reunidas sob experiências, até certo ponto comuns” (Holanda,2017 p. 45) ambos se aplicam tanto a jornada da heroína como a jornada aplicada no cinema.

5 A JORNADA DE SERENA PERFEIÇÃO

Pensando na importância da construção do feminino e no impacto que ela possui na percepção dos espectadores sobre a obra, não dá pra separar a forma como pensamos e agimos enquanto sociedade e indivíduo das artes que produzimos e queremos que alcance e impacte outros indivíduos. Neste sentido, este capítulo busca exemplificar pela concepção dos códigos cinematográficos a criação dos significados na narrativa do filme com foco na construção através de um olhar feminino. Para a construção do filme contei com o trabalho de uma equipe maravilhosa, como produtora está Thaís de Araújo, como assistente de direção e de produção está Mariana Abreu, assinando a direção de fotografia está Ana Thereza, a direção de arte foi feita brilhantemente por Samuel Marinho e a direção de som por Bruna Maria, além de outros profissionais que participaram e foram excepcionais para a realização do filme. O papel de Ivana foi interpretado por Wedna Tânia, o de Amaris por Íris Aquino, Junior por Edvan Lima e o chefe foi interpretado por Osvaldo Travassos.

5.1. Sinopse

Em “Serena Perfeição” acompanhamos a vida de Ivana, uma mulher de 28 anos, que trabalha em um escritório de advocacia; onde é subestimada e desvalorizada. Ela tem um casamento tóxico e dependente, em que seu cônjuge Júnior vive de jogar vídeo-game e comer comida super industrializada. Ivana é uma mulher com ambições reprimidas desde a infância pela sua mãe. Isso reverbera em sua vida até hoje, mas frustrada com o dia a dia que ela leva, e sem forças pra mudar, ela só queria que tudo fosse melhor, que tivesse um bom emprego e fosse respeitada nele e um bom marido que a valorizasse.

Até que um dia sua realidade muda - ou não? Seu chefe, misógino e desrespeitador, a promove no escritório. Em casa, seu marido preguiçoso e de personalidade duvidosa a trata bem. Ivana vive aquela fantasia sem questionar, porque no fundo era tudo o que ela queria. Porém, as consequências da vida “perfeita” batem à sua porta.

"Serena Perfeição” é um suspense, que explora os temas sensíveis da dupla jornada de trabalho da mulher, a pressão da busca pela perfeição e os desafios da saúde mental feminina. Com reviravoltas surpreendentes, o filme busca convidar o público a refletir sobre o impacto das expectativas sociais e a importância da autenticidade e da superação pessoal.

Personagens

Serena Perfeição possui ao todo quatro personagens: Ivana - a protagonista, Junior, o marido de Ivana, o Chefe que não possui nome; e Amaris, uma menina misteriosa que aparece em momentos da vida de Ivana. Agora, entrarei em mais detalhes sobre cada um desses personagens.

Ivana é uma mulher de 28 anos, de cabelos castanhos bagunçados. Ela trabalha como advogada em uma empresa de advocacia, é casada com Junior e não nutre uma boa relação com seus pais. Ivana vive uma vida acomodada na situação que se encontra. O sustento da casa vem do trabalho de Ivana, ao qual ela se dedica por horas sem ser dada o devido valor. Como consequência, ela não consegue cuidar de si, por isso não possui muita vaidade e amor próprio- ela se arruma no básico para manter as aparências que a profissão exige e nada mais.

A relação de Ivana com os pais é algo que está no subtexto da história. Em vários momentos, podemos ver que a mãe dela tenta estar presente na vida dela, mas a mesma não dá muita abertura. Como é um curta-metragem, não temos o tempo para adentrar a todas as facetas da personagem em tela, mas como subtexto, a mãe de Ivana sempre colocou sobre ela muitas expectativas, e quando essas expectativas não eram alcançadas ela se ressentia. No recorte da história, Ivana atingiu uma boa vida financeira e aparentemente para os de fora - principalmente para a mãe - possui uma vida de sucesso. Em decorrência disso, a mãe dela tenta construir uma relação tardia com Ivana que não recebe muito bem essa insistência.

Junior é um homem de 25 anos ao qual Ivana conheceu, se apaixonou e casou. Junior não possui um emprego e nem expectativas de crescer na vida, seu passatempo favorito é jogar videogame por horas afinco. Obviamente, esse não era o homem que conquistou Ivana, mas é o que ela convive hoje. Os dois não possuem uma relação matrimonial saudável, e Junior acaba agindo mais como um filho desobediente do que como marido dela.

O **Chefe** é o típico personagem carrasco. Na faixa de seus 55 anos, calvo e de personalidade forte, ele comanda o escritório com mãos de ferro e atormenta seus funcionários em qualquer oportunidade.

Amaris é uma menina em torno dos seus 6 anos de idade, de personalidade sombria e pacata. Ela é quase como uma entidade ou um delírio de Ivana. Ela não está presente na narrativa tão intensamente, mas aparece em cenas curtas entre momentos da vida de Ivana. Amaris é um arquétipo interno que existe dentro da Ivana e coexiste em uma realidade paralela.

A escolha dos nomes foi algo intencional no sentido que os personagens masculinos ou possuem nomes comuns ou não tem nome. Eles foram criados na intenção de serem caricatos, pois o foco narrativo não está neles, em contraponto a escolha do Ivana e Amaris partiu do princípio de serem escolhas de nomes não usuais e que representam força e luz em seus significados.

A Concepção do Roteiro

A escrita do roteiro, ou do que veio a ser a primeira versão desta história, ocorreu em meados de 2022, na cadeira de Roteiro dentro do curso de Cinema e Audiovisual da UFPB. Ainda possuo esboços das ideias iniciais e do que eu tinha visionado pra história, sem nunca pensar que ela viria a ser o que é hoje. Tudo o que foi colocado ali estava apenas esperando o momento certo para vir ao mundo.

Serena Perfeição é fruto de uma trilogia imaginada por mim, sendo ela o primeiro filme em ordem cronológica. Em seguida, vem Voyeur - foi roteirizado e produzido uma versão para a cadeira de Realização Audiovisual 1 do curso de cinema, mas irei produzi-lo novamente no futuro. Quanto ao último filme, possuo apenas esboços. Mas o que esses filmes têm em comum? Todos retratam fases distintas da vida de mulheres contadas por uma visão não convencional e cheia de simbolismos e significados.

O gênero suspense veio naturalmente, junto com a ideia da premissa da história. Em "*The Narrative in Suspense*", a autora Carol Bork (2003) discorre sobre o suspense como um gênero narrativo utilizado para contar sobre formas que o suspense é trabalhado para reconfigurar as narrativas femininas das estruturas narrativas convencionais.

> No "quarto enfraquecido" das convenções das histórias sobre mulheres,"as paredes estão a explodir", porque o feminismo, o pós-modernismo e uma série de outras forças culturais e discursivas puseram em causa as construções tradicionais das mulheres; mas, embora estas construções tenham sido questionadas e, até certo ponto, minadas, ainda estão, paradoxalmente, tão firmemente no lugar que ainda não foram totalmente suplantadas ou mesmo complementadas por novos temas e estruturas narrativas que podem permitir novas histórias.[19] (Bork, 2003, p. 1, tradução nossa)

[19]In the"threadbare room"of the conventions of stories about women,"the walls are exploding", because feminism, postmodernism, and a host of other cultural and discursive forces have called traditionals constructions of women into question; but while these constructions have been interrogated and to some degree undermined, they are still, paradoxically, so firmly in place that they not yet been fully supplanted or even supplemented by new narrative themes and structures that can enable new stories.(Bork, 2003, p. 1)

O suspense como objeto narrativo contribui para a construção dessas novas histórias. Vale ressaltar que roteiros e narrativas de curtas-metragens seguem um “padrão” de como os atos devem ser abordados na história. Normalmente, possui um ritmo mais acelerado e finais em aberto. Seguindo essa linha de raciocínio, Serena Perfeição possui três atos muito bem delimitados pela narrativa do roteiro: no primeiro ato, somos apresentados a vida corriqueira da personagem principal. Conforme os dias passam, percebemos sua indignação com a situação que ela vive. Ao final do terceiro ato, assistimos a “resolução” da história, onde temos um final aberto à subjetividades e interpretação.

O sensorial é algo extremamente importante e pontuado desde a concepção do roteiro, como na descrição da cena 3. Na escritura dele, busquei destacar sons e luzes que dêem uma indicação semiótica por meio de elementos externos, de formaaapreciarumpoucodamente da personagem:

Figura 1 - Cena 3

3 INT. COZINHA - NOITE

Ao entrar Ivana coloca as sacolas em cima da bancada da cozinha.

Pela casa tem espalhado objetos aleatórios, tudo está bagunçado.

Cansada, Ivana se senta na mesa da cozinha, olha uns papéis de contas que estão jogados entre a bagunça.

Fonte: Roteiro Cinematográfico de Serena Perfeição

As especificidades do ambiente como “objetos espalhados” e “bagunça” são utilizados exatamente para essa função de externalizar que a mente de Ivana não está em um espaço de conforto, já que a bagunça e desorganização remete ao caos e não a tranquilidade. Para criar a sensação de quebra entre esses mundos, foi imperativo para as equipes de fotografia e de arte que eu deixasse claro qual seria o momento de mudança desses cenários na narrativa.

Isso fica claro na cena 10, onde é apresentado ao público pela primeira vez essa mudança de ambiente.

Figura 2 - Cena 10

10 INT. QUARTO DE IVANA - DIA

A luz do sol entra pela janela e ilumina Ivana, que está deitada na cama ainda com as roupas do trabalho.

Ela acorda, se espreguiça e examina o ambiente.

Em primeiro momento parece o mesmo quarto, mas os móveis parecem novos, a tinta da parede parece fresca e tudo está em seu devido lugar.

Ivana olha para si e estranha as roupas.

Ao fundo o cantarolado masculino e barulho de panelas se misturam com o cantar dos pássaros.

Ivana levanta e abre a porta.

Fonte: Roteiro Cinematográfico de Serena Perfeição

A descrição "Os móveis parecem novos, a tinta da parede parece fresca" é algo que não é possível deixar claro somente com o visual, mas a sensação que quis criar com essa linha, para os artistas que lerem o roteiro é que: Esse lugar é outro. E na arte e na interpretação isso fica ainda mais notório com a organização do ambiente que antes era caótico e depois organizado e com a surpresa na expressão da atriz.

No decorrer dos tratamentos do roteiro, fui adotando uma visão "não usual" de como contar essa história. A sequência final começa quando Ivana tenta fugir desse "mundo perfeito" e acaba virando boneca. Após isso, vemos uma menininha chamada Amaris brincando com a boneca, que se assemelha a Ivana. Amaris é a personagem principal do curta Voyeur e o *link* entre os dois filmes.

O que quis pontuar como não usual é a escolha que fiz de adotar uma narrativa que não tem tempo e espaço definidos: as coisas acontecem como se fossem parte de um looping eterno, exatamente para trazer essa sensação de repetição e rotina.

Figura 3 - Cena Final

19 INT. QUARTO DE MENINA - DIA

O sol da manhã entra pelas janelas abertas, o som do vento e dos passarinhos podem ser ouvidos.

O quarto é cheio de brinquedos, bonecas de pano, carrinhos e com paredes amarelas vintage.

De costas uma menina de aparentemente 5 anos senta imóvel em frente a uma casa de bonecas.

De longe a mãe à chama.

MÃE (O.S)
Amaris, vem, a gente já vai sair.

Amaris olha para o lado, em direção a porta.

Se levanta. Seus pés caminham pelo quarto.

Fonte: Roteiro Cinematográfico de Serena Perfeição

Figura 4 - Cena Final 2

A porta bate quando ela sai.

Na casa de bonecas, muito parecida com a casa de Ivana, uma boneca com os mesmos traços se encontra jogada no jardim. O boneco se encontra sentado ao lado. Uma formiga sobe em cima da cabeça da boneca.

FADE OUT

Fim.

Fonte: Roteiro Cinematográfico de Serena Perfeição

Pré-Produção

Com a viabilidade de produzir o filme pela Lei Paulo Gustavo de 2023, a pré-produção se iniciou. Serena Perfeição teve uma pré-produção bastante corrida entre final de julho de 2024 e final de agosto de 2024, pois é um de uma leva de outros filmes que estávamos fazendo na época. A pré-produção se iniciou com os testes de elenco e com a busca pelas locações - visitamos duas locações para ser a casa de Ivana e duas locações para ser o escritório. A questão mais importante para a escolha da locação da casa era o espaço de jardim - era necessário que houvesse um quintal espaçoso para a sequência final do filme, onde a personagem teria que correr e cair na grama. A escolha do escritório foi tranquila, apesar de divergências quanto ao *design* do lugar escolhido ser moderno demais para o conceito da arte, foi algo que eu e a produção optamos diante do que era viável no momento.

A arte de Serena Perfeição é algo muito importante na construção da diegese. A inspiração para a arte foi filmes como *Pearl* (2022) e a série de filmes *Scream* (1996), sobretudo na composição das cores e de algumas cenas como a cena do jantar. A direção de arte propõe como escolha estilística cores e objetos mais vintage que remetem à casa de bonecas dos anos 1980, como eu havia idealizado.

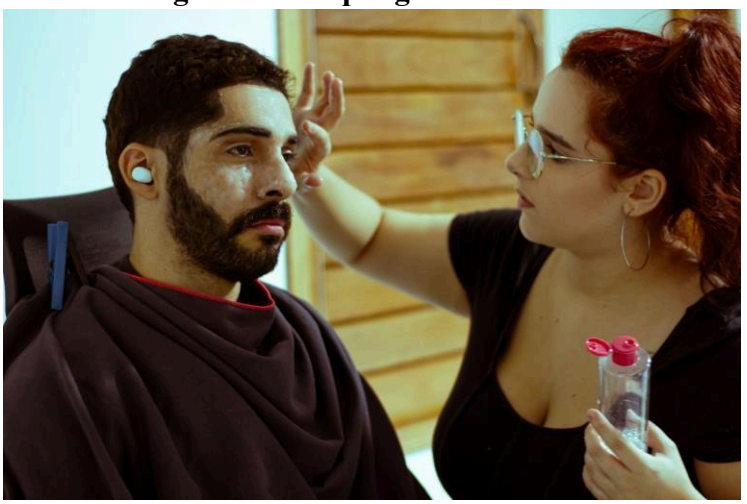
Figura 5 - Paleta de Cores

Fonte:Bíblia de Arte

Essas cores compuseram o figurino, a decoração e a luz das cenas, para construir um ambiente harmônico que causasse uma certa nostalgia em quem assiste. A maquiagem dos personagens foi algo importante na caracterização, para a segunda parte do filme, quando Júnior estaria com uma pele encerada como se remetesse a um boneco. Para fazer esse efeito prático, a maquiadora utilizou massa de colormake para fazer cicatriz - esse efeito era

principalmente com objetivo de remeter essa desconfiguração nesse mundo, que aquele mundo criado estava se despedaçando, inclusive os personagens.

Figura 6 - Maquiagem de Junior



Fonte: Fotos de still da primeira diária

Acabada a escolha de locação, teste de elenco, teste de figurino e maquiagem iniciamos os próximos passos.

Direção de Atores

Como dito anteriormente, o primeiro passo da pré-produção foi o teste de elenco. Fizemos teste procurando os três atores principais, Ivana, Junior e o Chefe. Com a ajuda da preparadora de elenco, fizemos o teste e escolhi os atores, Wedna Tânia, Edvan Lima e Osvaldo Travassos que dariam vida à esses personagens. Como a pré-produção foi bem rápida, tivemos apenas quatro ensaios ao todo com os atores: um entre Ivana e o Chefe, e os outros três de Ivana e Junior.

Gostaria de relatar aqui um desses ensaios e como foi importante para mim como diretora -e acredito que para a atriz e a preparadora Erika Paz - em que pude me conectar com ambas de uma maneira que traria sincronia para o set de filmagem. Em um dos dias de preparação de elenco houveram alguns contratempos ao qual a preparadora e atriz principal tiveram um momento a sós onde não pude estar presente, porém quando cheguei à sala para iniciarmos o ensaio a atriz me passou o que elas tinham feito até aquele momento.

No relato dela, ela foi instruída pela preparadora a dar voltas pela sala enquanto eram direcionadas perguntas como “ Você gosta do seu trabalho?”,“Você ama seu marido?”,

“Como é a relação com sua mãe?”. A atriz por sua vez não conseguia responder com clareza essas perguntas e percebeu que ela não mudava a direção que caminhava mesmo podendo dentro dos limites do exercício - ela andava em círculos sem rumo ou ponto final. Wedna me disse “Assim como a Ivana eu não tive uma direção, eu estava em um *loop*”.

Quando a preparadora chegou na sala, ela me contou o motivo de ter feito essa atividade: a atriz tinha confidenciado a ela que estava se sentindo insuficiente e que não se achava capacitada - algo tão simples recorrente entre nós mulheres. A partir desse momento, diretora, preparadora e atriz, sentadas no chão de tablado, entramos em uma longa conversa sobre inseguranças como mulher, irmandade feminina, atributos nossos como mulheres que são vistos como defeitos e nos entendemos de uma forma que só nós mulheres experienciamos: por duvidarmos da nossa capacidade, mesmo sabendo que ela existe,sem perceber nos sacrificamos para que o outro sempre esteja bem e confortável. Na dificuldade que temos de assumir nossas qualidades com orgulho, abrimos nossos corações ali uma para as outras.

Quando escrevi esse roteiro, meu objetivo sempre foi falar com as mulheres. Esse é o público que eu quero alcançar com esse filme. E estar fazendo isso com essa energia na equipe, nos fortalecendo umas às outras ainda na construção do que vem a ser Serena Perfeição é algo que me traz muito orgulho.

Como foi de certa forma meu primeiro trabalho como diretora em uma produção mais “complexa”, ainda que não muito, me ancorei nos estudos do Rabiger (2008) para aprender mais detalhadamente como dirigir atores e como me comunicar com eles. Uma coisa que esse autor pontua, que acredito tenha sido de extrema importância para criar um vínculo saudável com os atores foi a seguinte: “O que eles querem é reconhecimento, e você, como seu diretor e único público, é o único que o pode conferir.”[20](Rabiger,2008,p.223,tradução nossa). Para além dos personagens, era importante que eu desse minha visão sobre a história, sobre os personagens e sobre o trabalho deles, e essa energia de troca me permitiu construir em conjunto as intencionalidades para cada cena e cada vivência dos personagens.

[20] What they work for is recognition, and you, as their director and sole audience, are the only one to confer it. (Rabiger, 2008, p.223)

Decupagem

O processo de fazer a decupagem, assim como o processo geral de se fazer cinema, é algo pessoal e possui diversas técnicas e modelos. A forma que eu fiz em Serena Perfeição foi a seguinte: Fiz uma leitura detalhada do roteiro e separei o ponto em que haveria essa "quebra" entre mundos. Montei a decupagem a partir do que era importante mostrar em cada cena, obviamente adicionando traços estilísticos de fotografia que pensei pra cena.

Para a decupagem e escolha dos planos, eu tinha em mente algo muito específico: a visualidade que eu pensei para esse filme sempre foi em opostos "quente e frio", "azul e amarelo", "perto e longe" e foi exatamente esse estilo que quis imprimir na decupagem também. Assim separei o filme em dois momentos estilísticos para compor os planos: um era o "mundo real" e o outro o "mundo perfeito".

Como referência visual para a concepção do *mood* e dos planos, me baseei em filmes como"*Don't Worry Darling*" (2022),"*Mother!"* (2017),"Pior Pessoa do Mundo" (2021) e "A Hora da Estrela" (1985) - os dois primeiros são filmes de suspense com a narrativa, arte e direção disruptivas, o terceiro foi utilizado como referência visual para o mundo real de Ivana e o último como influência de figurino e personagem.

O foco principal dessa narrativa sempre foi o psicológico de Ivana e como aquele mundo é visto a partir desse ponto. Nós, como espectadores, vemos o mundo da visão dela. Sendo assim, quando ela passa por situações que são desagradáveis, tentei imprimir isso escolhendo planos mais fechados e com uma leve distorção de imagem. Quando fazemos a mudança para o "mundo perfeito", os planos possuem mais movimentação e são mais distantes dos personagens. Para mim era importante que esse "mundo perfeito" imprimisse uma sensação de estranheza, tanto para a personagem na diegese quanto para o espectador. Para isso fiz a escolha artística de que mesmo que os planos da segunda parte tivessem movimento, eles terminaram estáticos.

Planos mais estáticos e longínquos tendem a causar uma sensação de distanciamento da cena, e como consequência dos personagens. A quebra desses planos acontece na sequência final, onde esse mundo já está despedaçando. Os planos passam a ser mais erráticos e com mais movimento e finaliza com um plano de Amaris bem calmo e fixo, no seu quarto brincando com a boneca Ivana.

Para a construção dessa imagem se diferir do que foi discutido como a imagem hegemônica da mulher no cinema *mainstream*, minha preocupação na escolha dos planos, além de contar a história da forma mais fiel, era de ser verdadeira com a proposta de cinema

que valoriza a imagem da mulher. Por isso, nessa narrativa, Ivana não é plano de fundo em nenhum momento e sim o centro da história. Assim, me expondo ao olhar masculino, tive especial cuidado com planos que de alguma forma poderiam sexualizar a personagem, sem que o fossem a intenção para a cena. Algo importante para afirmar a narrativa na personagem da Ivana é que os personagens ao redor dela, em sua maior parte, são como ruídos na imagem em tela, esses ruídos são exemplificados com o foco da cena sendo Ivana e o os outros personagens aparecendo "cortados" em cena, só o tronco ou parte do rosto onde o foco não está na presença deles mas nela. A construção desses ruídos foi um aspecto que tive que explicar bastante para os profissionais da equipe e talvez seja uma das escolhas de planos mais ousadas que fiz nesse trabalho. Mesmo que Ivana estivesse tendo diálogos com os outros personagens, principalmente em cenas em que ela é destratada, não quis dar o foco para o personagem que a destrata, mas em como **ela** se sente nesse momento.

O processo de construção de significado pretendido junto a audiência influenciou diretamente a escolha dos planos da sequência final, se tornando um aspecto que me confrontou nessa etapa da produção. Tecnicamente, trata-se de uma sequência em que o Júnior do outro mundo a persegue, mas não queria trazer aqui uma forma violenta pois não é sobre o físico nesse momento mas sobre o psicológico dela. Para imprimir esses sentimentos, como sugestão da direção de fotografia, utilizamos da sombra dele para causar esse medo.

Produção - Direção

Com tudo organizado chega a hora do *set*. Costumo dizer que o trabalho mais pesado é a pré-produção e a produção é um pouco das consequências da fase anterior. O *set* de Serena Perfeição aconteceu entre os dias 12 à 15 de setembro de 2024, onde tivemos três diárias na locação principal - a casa da Ivana - e uma diária no escritório.

Os dias de filmagem são caóticos e podem ocorrer muitos imprevistos que te levam a fazer escolhas que possam mudar o resultado esperado do filme. Por isso a importância de manter um bom diálogo com a equipe e que os mesmos estejam em sincronia com a direção em questão de estilo.

No primeiro dia de filmagem, minha assistente de direção separou as cenas da sequência final para serem gravadas primeiro. Se eu puder dar um conselho para quem esteja lendo essa monografia com o intuito de entender as funcionalidades do cinema, assim como a teoria aqui descrita é que, evite ao máximo fazer isso. Infelizmente no nosso caso não tínhamoscomoorganizardeoutraformaporembatesdaagendadoator,masfoialgoque

ficou acordado com todos os cabeças de equipe. Sendo assim, iniciamos o *set* com a sequência mais importante do final, que não poderia existir espaço para erro, mas imprevistos sempre ocorrem principalmente no primeiro dia do *set*. Por isso, como diretora senti uma responsabilidade imensa de fazer tudo dar certo. Infelizmente como nem tudo acontece como gostaríamos, na última cena do dia - cena 19 - não pude experimentar como gostaria, pois já estávamos com duas horas de atraso em relação a ordem do dia (OD) e choveu.

Estou contando isso para que fique claro as condições em que são feitos *sets* de filmagem com pouco orçamento e equipe reduzida. Apesar dos problemas do primeiro dia, os dias seguintes correram bem. Na terceira diária, tivemos as cenas com Amaris na mesma locação da casa de Ivana. Acredito ser importante essa parte do relato porque trabalhar com uma criança em *set* é algo delicado, que demanda uma sensibilidade tanto da equipe em geral, quanto da direção.

As cenas de Amaris não eram complexas e não tinha falas, eram mais direcionamentos. tive a sorte da atriz que fez a personagem ser bem desenvolta e compreendia bem as demandas de movimentação dentro da cena e as deixas. Porém, para passar essas tecnicidades para criança é importante colocar de uma forma lúdica, a tática que eu utilizei por assim dizer foi de pensar a cena como uma brincadeira. Para exemplificar, na cena 12 eu precisava que ela olhasse diretamente para a direção da câmera por um período de tempo curto. Entendo que às vezes para crianças é difícil se concentrar em uma tarefa por muito tempo, por isso, sugeri "brincarmos" de estátua, e assim o fiz. O meu "ação" dessa cena foi um "estátua"e funcionou bem, a atriz se divertiu e eu enquanto diretora consegui o plano que eu queria.

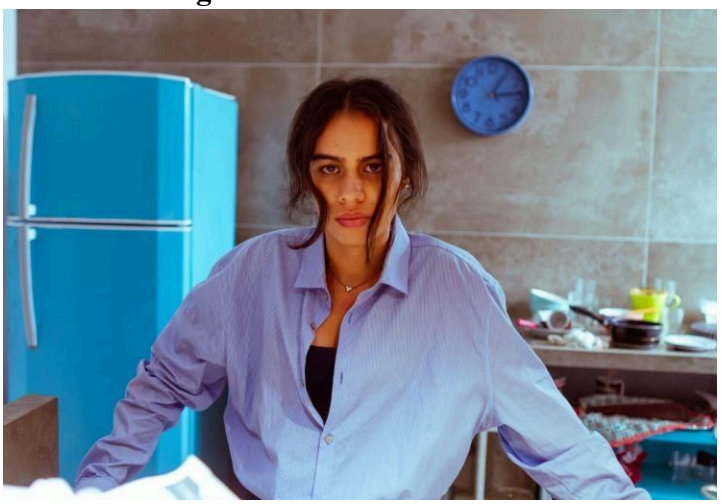
Retomo aqui a minha experiência pessoal geral na direção deste filme. Dirigir sempre foi o meu objetivo quando entrei em cinema, e fui descobrindo como exercia a função por observação e bastante pesquisa. Como já comentei antes, ser mulher diretora em *set* é algo desafiador. Mesmo que você esteja confortável com a equipe que tem, sempre haverá embates de visão e opiniões sobre seu trabalho, no meu caso não foi diferente. Em muitos momentos tive que mostrar assertividade e ainda sim tive a minha autoridade e visão criativa sobre o meu filme colocada em questão. Não trago isso aqui como desabafo revanchista, às vezes o desafio nos faz amadurecer enquanto profissionais. Mas foi uma realidade dura das duas experiências que tive até agora nessa função.

Por isso, é importante que você, enquanto mulher, esteja confiante do seu trabalho e do que você quer passar com ele. sempre existirão visões diferentes sobre um mesmo projeto e, apesar do cinema ser feito em conjunto, a visão que prevalece no final é a da direção.

A arte e os simbolismos

Neste subcapítulo, abordarei como se deu a construção dos símbolos artísticos no filme e seus significados pretendidos. Como mencionado anteriormente, a minha visão sobre o filme sempre foi isso de dois mundos, quente e frio. A direção de arte trouxe isso na paleta de cores do cenário, do figurino e da maquiagem: o "mundo real" é o mundo azul, mais sóbrio ainda que com toques de caricato. É a parte onde tons sóbrios como azul escuro, preto e cinza predominam tanto em Ivana, quanto Júnior e o Chefe. A maquiagem de todos os personagens nessa fase da história é marcada com olheiras para acentuar o ar de cansaço.

Figura 7 - Ivana Mundo Real



Fonte: Fotos de still de "Serena Perfeição"

Figura 8 - Chefe Mundo Real

Fonte: Fotos de still de"Serena Perfeição"

Para o figurino de Ivana na sequência final, a arte se inspirou em personagens como Pearl de "*Pearl* (2022)" e Bella Baxter de "*Poor Things* (2023)" para abraçar o lúdico de qual Ivana estava em um mundo de bonecas a partir da virada.

Figura 9 - Figurino Cena Final

Fonte: Fotos de still de "Serena Perfeição"

No figurino de Junior também tivesse "*foreshadowing*" do que estivesse por vir, onde a inspiração para o figurino dele foram as roupas dos bonecos Ken dos anos 1980. Passei para arte que nessa fase do filme poderia começar a abraçar o caricato.

Figura 10 - Figurino de Junior

Fonte: Fotos de still de "Serena Perfeição"

Para a construção da figura de Amaris, a arte teve como inspiração os anos 80 e filmes como as gêmeas de "O Iluminado (1980)" e Dorothy de "O Mágico de Oz (1939)". Essa

escolha de elementos *vintage* é exatamente para causar esse lapso temporal,ou a impressão de uma realidade alternativa àquela que acompanhamos no filme.

Figura 11-Figurino de Amaris

Fonte: Direção de arte

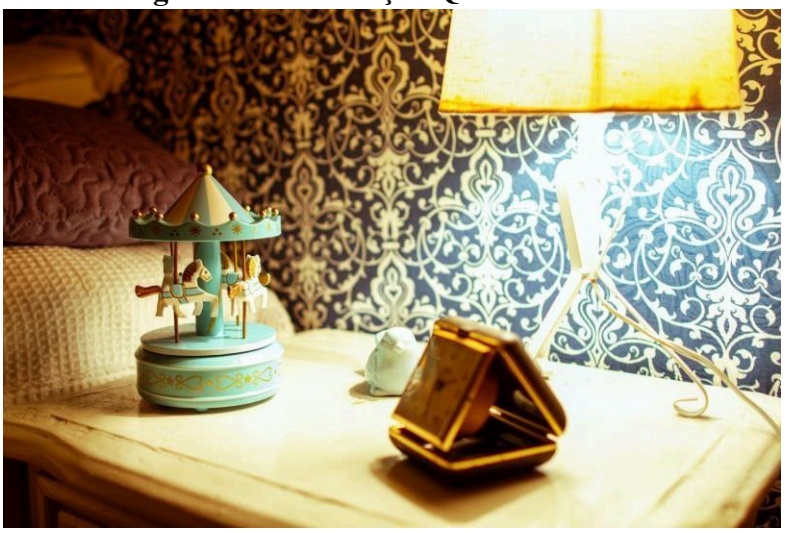
A casa de bonecas e o carrossel são elementos que indiretamente adicionam significado a essa narrativa. A casa foi criada intencionalmente para remeter a área externa da casa de Ivana, e a boneca para ser a Ivana pós “mundo perfeito”.

Figura 12 - Quarto de Amaris

Fonte: Direção de arte

O carrossel do quarto de Ivana funciona como uma espécie de prelúdio a essa mudança de mundos. O som dele é o som que ela escuta antes de dormir e acordar no mundo perfeito, e é o som que o Júnior do mundo perfeito cantarola. É uma forma de imergir o espectador de formas diferentes e criar uma narrativa com complexidade e peculiaridade.

Figura 13 - Decoração Quarto de Ivana



Fonte: Fotos de still de “Serena Perfeição”

O jantar preparado por Junior na cena do mundo perfeito foi importante para exemplificar o apodrecimento daquele mundo. Onde foram servidas comidas gosmentas e com a aparência nada apetitosa e causasse ânsia.

Figura 14 - Prato do Jantar

Fonte: Fotos de still de“Serena Perfeição”

Figura 15 - Torta

Fonte: Fotos de still de“Serena Perfeição”

Esse jantar serve de contraponto da cena do café da manhã, ao qual tudo se encontrava fresco e mais vívido.

Figura 16 - Café da Manhã

Fonte: Fotos de still de“Serena Perfeição”

Figura 17 - Cesto de Frutas

Fonte: Fotos de still de“Serena Perfeição”

Já nessa cena, temos uma espécie de *foreshadowing* no cesto de frutas preenchido de frutas de plástico. Isso acontece para enfatizar que essa transição de mundos já estava ocorrendo mas não por completo e essa artificialidade que estava começando a tomar o mundo perfeito.

Sugestão de Montagem e Trilha Sonora

Enquanto escrevo esta monografia, a montagem do primeiro corte está sendo feita. Como proposta de montagem, penso em cortes secos e que fortaleça essa impressão de repetição entre os dias deIvana.Porém, efeitos de transposição de imagens serão necessários para criar a presença de Amaris como essa forma de "entidade" na vida de Ivana, com imagens mais translúcidas e que se mesclam formando uma imagem só, com vários quadros sobrepostos.

No que diz respeito ao som, a minha proposta para a construção sonora do filme são trilhas com um toque mais clássico, que se relacionam com os momentos diferentes do filme. No mundo real, a presença dos graves é indispensável para causar um aperto, uma sensação de sufoco ou agonia no espectador, e a trilha do mundo perfeito seria composta por sons quase lúdicos e calmos. Algo interessante de se pontuar é que a trilha terá um arranjo presente nos pontos em que a realidade se "desintegra", que é um arranjo criado por mim que toca em um carrossel de música. Esse som servirá de "aviso" em momentos que se tem essa relação entre mundo perfeito e mundo real.

Como escolha artística para compor os simbolismos criados para a narrativa utilizarei processos de animação em cenas específicas do filme. Como exemplo, onde no roteiro aponta a presença de insetos, representa-se que esse mundo em que Ivana está vivendo não é de todo perfeito e está podre. Os insetos vão possuir um toque artístico fora do realismo para combinar com a estética "casa de bonecas" idealizada por mim.

Por fim, na finalização as cores serão algo importante para criar essa distinção de fases criadas ao longo de todo o processo. Nele prezarei pelas cores azul e amarelo para fazer essa variação entre os mundos, de forma sutil. Pretendo incluir legendas em inglês, espanhol e coreano, e para garantir a acessibilidade a outros públicos também será incluído audiodescrição em português e janela de Língua de Sinais Brasileira (Libras). Para ter um alcance maior e que mais pessoas possam assisti-lo.

Aplicabilidade da Teoria da Jornada em Serena Perfeição

Neste capítulo irei abordar como minhas escolhas artísticas corroboram para a construção da narrativa de Serena Perfeição e em como essa narrativa se encaixa na Jornada da Heroína. Para tal, vou adentrar a vida de Ivana a partir dessa narrativa e nas indicações que a história nos fornece. Como esta é uma narrativa de curta-metragem, não temos como olhar

para a vida toda da personagem, mas o filme sempre nos dá indícios de seu passado para contextualizar.

No começo da história Ivana se encontra na fase da Estrada de Provações na jornada da heroína dela. No trabalho, ela enfrenta a presença do "réptil social" que é o seu chefe, que a sabota e a humilha. Essa relação abusiva de trabalho fica claro em todas as cenas do primeiro ato, onde o chefe vai se dirigir a ela sempre com agressividade e humilhação.

Figura 18 - Cena 1

Fonte: FotosdestillChefeeIvana

Nessa fase, Ivana também está tentando se desvencilhar da dependência da mãe que, por exemplo, tenta sempre se aproximar dela e é respondida com apatia e respostas vagas por parte de Ivana. A relação entre ambas não é clara no decorrer da narrativa, mas pela insistência da mãe em se fazer presente e pela relutância de Ivana de participar da vida dela e deixar ela participar da sua nos mostra que no passado algo não ficou às claras. Em nenhum momento a mãe de Ivana a trata com hostilidade, onde possivelmente podemos categorizá-la como uma "Mãe Boa" mas uma mãe que sufoca, que coloca em seus filhos as expectativas que ela não conseguiu alcançar e sem perceber espelha elas em sua filha.

Em casa, ela é casada com o primeiro amor de sua vida. Porém, ele não é mais um marido mas sim um fardo, do qual ela deseja companheirismo e conforto mas é confrontada com brutalidade e preguiça. Ivana acaba esquecendo de si mesma, se dedica tanto ao trabalho, a vida em casa que a rotina está desgastando ela. Ela se torna provedora da casa, não somente dos materiais mas do psicológico do Junior, para que ele se sinta bem.

Logo depois temos a fase do sucesso ilusório, onde a mudança brusca para o mundo perfeito o corre e nesse caso o "ilusório" é ao pé da letra, ela se torna uma mulher bem-sucedida e bem- tratada na sua empresa, comum cargo de importância e é valorizada por seu chefe que antes a humilhava. Seu marido que antes era preguiçoso e desinteressado, cuida da casa e do lar pra ela. Como pontuei anteriormente na teoria da jornada, a heroína deseja em seu coração aquilo que seus pais tiveram como garantido - alguém que cuide delas. Na história, não sabemos como é a relação de Ivana com o pai dela, essa figura não existe na versão final do roteiro, mas ela já existiu e foi importante para moldar o porquê dela ser como é e agir como age. A relação de Ivana com a mãe é algo importante nessa parte da jornada, pois a realidade de Ivana e todos ao seu redor muda no mundo perfeito, menos a sua mãe.

A mãe continua sendo o único ser de constância na vida de Ivana. Murdock aponta na teoria da Jornada que nessa fase do sucesso ilusório tem muito incentivo da relação da heroína com a mãe dela. Por causa das exigências da mãe ela aprendeu a ser dessa forma performática, onde ela veste uma máscara para tentar ser boa e perfeita em todos os âmbitos da vida dela. Ivana faz isso, continuando no seu trabalho e em um casamento fracassado. Quando a chance de finalmente ter retribuição por todo trabalho que ela realiza, mesmo que repentino, ela não desconfia, ela se permite viver aquela ilusão. Quando ela finalmente acorda para a realidade que ela está vivendo, já é tarde, o simbolismo da casa de bonecas, do Junior boneco e ela virando boneca é resultado da heroína que não fez a descida ainda.

Logo após o sucesso ilusório temos o despertar para aridez espiritual, onde para a heroína continuar sua jornada, precisa dizer não para aqueles que a machucam e começar escutar sua voz interna e iniciar a descida para a deusa. Ivana passa por uma fase de relutância interna sobre a forma que a vida dela se encontra. No final do segundo ato logo antes da virada de mundos, ela está deitada no sofá e Junior aparece como um ruído na imagem perguntando a ela "O que tem pra jantar?". Ivana que vinha sempre provendo se mostra cansada de fazê-lo, quando ela diz "Se serve" e sai em direção ao quarto ela mostra um desdém enquanto a situação em geral.

Ivana faz sua descida no ato final do filme, onde ela é confrontada por aquele mundo perfeito, e aquilo passa a assustá-la. Porém, Ivana é uma personagem que não finaliza a descida. Ela é engolida por esses sentimentos que ela nutria, e acaba virando boneca também. A sombra de Júnior na sequência final é um simbolismo para o tirano que existe dentro dela. Essa relação entre a heroína e o tirano que existe dentro dela é algo bem pontuado por Murdock em seus estudos. Como comentei anteriormente, a heroína precisa enfrentar o tirano para ter a cura do masculino machucado. Quando ela ignora esses sentimentos, como Ivana

vem ignorando, ela dá espaço para essa figura agir como ela, o que Murdock pontua que pode ser “frio e inumano”. A atuação de Júnior nesse ato final é exatamente desfaz de sua humanidade e sua fala, seus gestos passam a ser mais enrijecidos e bruscos. Por isso, a partir do final do segundo ato muito do que aparece na narrativa do filme em relação a jornada está nas entrelinhas e se torna simbólico.

O simbolismo da boneca e uma criança brincando com a boneca, diz sobre consequências de uma mulher que não fez a descida e o legado que ela deixa: ela não evolui e se mantém naquele limbo.

A descida para deusa é a cura dentro de si do masculino machucado, e encontro e reconexão com o feminino. É importante frisar que Ivana não finaliza a Jornada dela de forma poderosa, mas apresento a espectadora a esperança de fazer diferente: apesar de ter sido “tarde” para Ivana, não é para Amaris e não é para a audiência. Ivana não morre mas sua deusa ainda continua machucada.

Figura 19 - Ivana Sequência Final

Fonte: Fotos de still da primeira diária

Outros pontos da Jornada são apresentados na narrativa. Quando Amaris está brincando com a boneca, ela representa o final da descida. Neste momento, a missão da heroína é retomar a econexão quebrada com o feminino. Quando pontuei anteriormente que essa figura

se difere de mulher para mulher, seja com a Mãe, com a Deusa, ou no caso de Ivana, com a menina dentro dela. Quando vemos lapsos da Amaris durante o filme, é como se fosse o inconsciente de Ivana pedindo ajuda.

Por fim, a última fase da jornada apresentada no curta é a cura de mãe/filha. A cura não ocorre diretamente entre Ivana e a mãe dela, apesar de ter tido tentativas da parte da mãe de criar uma conexão. A cura vem de forma simbólica, quando a mãe de Amaris chama ela pra sair.

Retomando a discussão quanto aos finais de personagens femininas no cinema, anteriormente pontuei que, no cinema patriarcal, os finais para as personagens eram de resgate ou punição - pelas mãos do homem. Como oposição a este cenário, o final que quis trazer para essa personagem é de resgate mas não de um homem, mas sim de uma menina, que no caso do filme é a Amaris.

E nesse momento finalizamos a jornada de Ivana. A cura dela não foi mostrada, mas foi simbólica, em mostrar a não perpetuação de sistema e códigos que ditam o que devemos ou não fazer e que nos prendem, como expressa Murdock (1990):

> Ao honrar o seu corpo e alma, bem como a sua mente, ela cura a divisão dentro de si e da cultura. As mulheres de hoje estão adquirindo a coragem de expressar a sua visão, a força para estabelecer limites e a vontade de assumir a responsabilidade por si próprias e pelos outros de uma nova forma.[21] (Murdock, 1990, p.108, tradução nossa)

É na coragem de nos expressar, de criar, de amar e de contar nossas histórias que inspiramos as próximas gerações a serem mais livres e confiantes na sua arte e em vida.

[21] As she honors her body and soul as well as her mind, she heals the split within herself and the culture. Women today are acquiring the courage to express their vision, the strength to set limits, and the willingness to take responsibility for themselves and others in a new way.(Murdock, 1990, p.208)

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou refletir sobre a experiência da direção cinematográfica sob minha perspectiva como diretora, abordando a vivência de vida feminina e a experiência como profissional no cinema. A partir da análise do processo de construção cinematográfica e relato de experiência em set, foi possível problematizar as barreiras e experiências que mulheres encontram na indústria cinematográfica, dialogando com conceitos como Visual Pleasure de Laura Mulvey e A Jornada da Heroína de Maureen Murdock. Busquei construir paralelos entre a presença das mulheres por trás das câmeras e na criação das personagens femininas em tela.

A partir disso, Serena Perfeição se desenvolveu dessas experiências que observei durante meus anos universitários e minha vida como um todo. Contando a partir da história de Ivana, que é a história de muitas outras mulheres, a teoria da Jornada funcionou como base psicológica para criação dessa narrativa durante todo o trabalho. Para além disso, este trabalho se propos e abarcou a experiência feminina no cinema a partir de pesquisas da área e da minha experiência pessoal como diretora e roteirista do filme.

A teoria da Jornada da Heroína foi essencial para pensar a construção dessa narrativa. Nela, a mulher não é coadjuvante da sua história, mas personagem principal: suas motivações, desejos e experiências são o cerne para a concepção dessa narrativa.

A prática da direção se revelou mais desafiadora do que o esperado, uma vez que a autoridade da direção foi em alguns momentos colocada em questão, demonstrando como o espaço criativo feminino ainda precisa ser legitimado. Entretanto, foi por meio dessas dificuldades que surgiram também aprendizados valiosos, tanto no âmbito técnico quanto no interpessoal. A jornada da heroína revelou nuances que não estavam previstas inicialmente, transformando-se em uma narrativa pessoal de autoconhecimento e conhecimento sobre minha arte. Essa abordagem permitiu a articulação entre a prática e o referencial teórico, explorando como o desenvolvimento do filme se assemelha ao da heroína, em que a protagonista não só enfrenta obstáculos comuns de ser mulher em uma sociedade patriarcal, mas simbolicamente os compreende e não os perpetua.

Por fim, a reflexão de ser diretora na indústria cinematográfica e nossa vivência enquanto mulheres na sociedade oferece uma perspectiva crítica sobre esse papel. Espero que este trabalho inspire futuras profissionais do cinema a ousarem e persistirem em suas visões, compreendendo que os desafios fazem parte para construir um trabalho diverso que atua como formas de resistência e transformação. Neste sentido, tanto o filme quanto o presente relatório

representam um ponto de partida e não de chegada. As reflexões levantadas sugerem que ainda há muito a ser investigado e debatido sobre as barreiras invisíveis que restringem a atuação feminina na direção. Espero que esta pesquisa sirva não apenas como uma contribuição acadêmica, mas também como um incentivo para o fortalecimento de uma rede de apoio e colaboração entre mulheres cineastas na indústria e na academia.

REFERÊNCIAS

A PIOR Pessoa do Mundo. Direção: Joachim Trier. Produção: Thomas Robsahm, Andrea Berentsen Ottmar. Noruega: Oslo Pictures, 2021. 1 filme (128 min).

ALVES, Paula; COELHO, Paloma. Discursos, performatividades e padrões visuais no cinema: reflexões sobre as representações de gênero, o mercado cinematográfico e o cinema demulheres.**ACENO: Políticas e Poéticas do Audiovisual na Contemporaneidade,** [*S.l*],v.2,n. 3, p. 159-176, jan./jul. 2015. ISSN 2358-5587.

A HORA da Estrela. Direção: Suzana Amaral. São Paulo: Embrafilme, 1985. Filme (Drama/Comédia, 1h36min).

BARROS, Ana Taís Martins Portanova. A saia de Marilyn: do arquétipo ao estereótipo nas imagens midiáticas. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação-E-compós**, Brasília,v.12, n.1, p.1-17, jan./abr. 2009. ISSN 1808-2599.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo.** Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020. Edição comemorativa.

BORK, Carol Denise.T**he narrative in suspense:** women at the intersection of feminism and postmodernism in the late-twentieth-century novel. 2003. Dissertação (Doutorado em Literaturas em Inglês) – Graduate School, Rutgers, The State University of New Jersey, New Brunswick, 2003.

CUNHA, Julia Drumond. **Lazer, cinema e feminismo:** uma análise dos filmes “Aquarius”e “Estranha”. 2020. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

DON’T Worry Darling. Direção: Olivia Wilde. Produção: Olivia Wilde, Katie Silberman, Miri Yoon. Estados Unidos: Warner Bros. Pictures, 2022. 1 filme (123 min).

FRANÇA, Ana; SCHIMANSKI, Édina. Mulher,trabalho e família: uma análise sobre a dupla jornada feminina e seus reflexos no âmbito familiar.**Emancipação-Universidade Estadual de Ponta Grossa** (UEPG), Ponta Grossa, v. 9, n. 1, p. 65-78, 2009.

HOLANDA, Karla; TEDESCO, Maria do Carmo (orgs.). **Feminino e plural:** mulheres no cinema brasileiro. Campinas: Papirus, 2017.

HOSSAIN, Sara Monami; NIBIR, Md. Mahdi-Al-Muhtasim; RASHID, Mamunor. **Under construction:** the female gaze in women director’s film. Asian Journal of Education and Social Studies, [*S.l*], v. 38, n. 2, p. 15-24, 2023. DOI: 10.9734/AJESS/2023/v38i2821. Disponível em: https://www.sdiarticle5.com/review-history/95641. Acesso em: 20 set. 2024.

KAMITA, Rosana Cássia. Relações de gênero no cinema: contestação e resistência.**Estudos Feministas**, [*S.l*], v.25, n.3, p.1393-1409, 2017.DOI:10.1590/1806-9584.2017v25n3p1393. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/1806-9584.2017v25n3p1393. Acesso em: 12 set. 2024.

KAPLAN, E. Ann. **A mulher e o cinema:** os dois lados da câmera. Tradução de Helen Marcia Potter Pessoa. Rio de Janeiro: Rocco, 1995. [Original: Women & film: both sides of the camera. London: Methuen & Co. Ltd., 1983].

LAURETIS, Teresa de. **Alice doesn't:** feminism, semiotics, cinema. Bloomington: Indiana University Press, 1984.

MALUF, Sônia Weidner; MELLO, Cecilia Antakly de; PEDRO, Vanessa. Políticas do olhar: feminismo e cinema em Laura Mulvey. **Estudos Feministas**, [*S.l*], v.13, n.2, p.343-356, maio-ago. 2005.

MARTINEZ, Monica; ARAÚJO, Tamara Cristine de. Métodos em estruturas narrativas míticas: a jornada da heroína de Maureen Murdock. **Esferas**, [*S.l*], ano 12, v. 2, n. 24, p. 15-24, maio-ago. 2022. Disponível em: https://esferas.exemplo.br. Acesso em: 21 ago. 2024. ISSN 2446-6190.

MEDEIROS, Stéfanie Garcia. **A jornada da heroína:** estrutura narrativa para roteiros de ficção. 2019. Dissertação (Mestrado em Escrita Criativa)–Escola de Humanidade,Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade [coloque a universidade aqui, se for UFRGS], Porto Alegre, 2019.

MORAES, Kelly Arelari de. A mulher, o discurso e o tempo: apagamento e inscrição do cinema de mulheres. Leitura Flutuante: **Revista do Centro de Estudos em Semiótica e Psicanálise**, [*S.l*], v.13, n.2, p.28-54, 2021.Disponível em: https://doi.org/10.23925/lf.v13i2.56372.Acesso em:15 set. 2024.

MOTHER!. Direção: Darren Aronofsky. Produção: Scott Franklin, Ari Handel. Estados Unidos: Paramount Pictures, 2017. 1 filme (121 min).

MULVEY, Laura. Unmasking the gaze: some thoughts on new feminist film theory and history. **Lectora**, [*S.l*], v. 7, p. 5-13, 2001.

MULVEY, Laura. **Visual pleasure in narrative cinema.** In: Film, psychology, society and ideology. [S.l.]: [s.n.], 1975. p. 802-816.

MURDOCK, Maureen. **The heroine's journey.** Boston: Shambhala Publications,Inc., 1990. ISBN 978-0-87773-485-7.

O MÁGICO de Oz. Direção: Victor Fleming. Produção: Mervyn LeRoy. Estados Unidos: Metro-Goldwyn-Mayer, 1939. 1 filme (102 min).

PEARL. Direção: Ti West. Produção: Jacob Jaffke, Kevin Turen, Ti West. Estados Unidos: A24, 2022. 1 filme (103 min).

PINTO, Caroline Gonçalves. **Processos criativos da direção cinematográfica.** 2015. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Escola de ComunicaçãoeArtes,Universidadede São Paulo, São Paulo, 2015.

POLITIZE! O que é patriarcado? Site Politize!. Disponível em: https://www.politize.com.br/patriarcado/. Acesso em: 4 nov. 2024.

SAXON, Gabriella. **What happens when women take the lead: an exploration into the importance of the female film director**.2023. Bachelor of Arts in Theatre Arts –College of Humanities and Fine Arts, California State University, Chico, 19 maio 2023. Orientadores: Professor Heather Altfield, Professor Quinn Winchell.

SCREAM. Direção: Wes Craven. Produção: Cathy Konrad, Cary Woods. Estados Unidos: Dimension Films, 1996. 1 filme (111 min).

TRINDADE, L. S; FALCÃO, B. A; MAYER, F.A. Mulheres produtoras:análise no curso de Cinema e Audiovisual da UFPB. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 46., 2023, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: Intercom, 2023. Disponível em: MulheresProdutoras: Análise no Curso de Cinema e Audiovisual da UFPB.docx. Acesso em: 02 out. 2024.